RODRIGO BIBO (ORG)

A IMPORTÂNCIA DA DOUTRINA E DO PREPARO TEOLÓGICO

BTbooks

EBT Escola Bibotalk de Teologia

Copyright © 2024, BTBOOKS
2ª edição: 2024
Edição: Rodrigo Bibo
Capa: Caio Duarte
Este Ebook faz parte do programa de ensino da EBT - Escola Bibotalk de Teologia - acesse escolabibotalk.com.br para estudar com a gente.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	**4**
01 A SÃ DOUTRINA	**6**
02 PREPARO TEOLÓGICO	**22**
APÊNDICE: FALSOS ENSINOS E FALSOS MESTRES	**36**

APRESENTAÇÃO

Vivemos tempos em que a importância da doutrina e do preparo teológico nunca foi tão evidente. Em meio a um turbilhão de ideias e movimentos, que surgem e desaparecem com a velocidade de um clique, a Igreja de Cristo é desafiada a manter-se firme na Verdade. Como nos exorta o apóstolo Paulo, é importante que não sejamos *"levados de um lado para outro pelas ondas, nem jogados para cá e para lá por todo vento de doutrina"* (Efésios 4:14 NVI).

A doutrina não é apenas um conjunto de crenças para serem memorizadas, mas sim a base sólida sobre a qual construímos nossa vida cristã. Sem ela, estamos suscetíveis a erros que podem comprometer não somente a nossa caminhada pessoal com Cristo, como também a saúde da comunidade de fé. A doutrina correta nos guia para um conhecimento mais profundo de Deus, revelando Seu caráter, Seus propósitos e Seu amor redentor manifestado em Jesus Cristo. Através dela, somos capacitados a viver de maneira que honra a Deus e abençoa os outros.

O preparo teológico, por sua vez, é o instrumento que Deus nos dá para aprofundarmos nosso entendimento das Escrituras e da fé cristã. Ele nos equipa para discernir entre o que é verdadeiro e o que é falso, para articular nossa fé de maneira clara e persuasiva, e para ministrar com eficácia em um mundo que desesperadamente precisa da mensagem do evangelho. Não se trata apenas de adquirir conhecimento acadêmico, mas de formar o coração e a mente para que possamos amar a Deus de todo o nosso entendimento, como nos ordena o maior dos mandamentos.

Para que os cristãos possam transmitir a fé com convicção, a doutrina cristã deve ser confessada pela Igreja, ensinada de geração em geração e aplicada à vida. A Bíblia nos apresenta pilares fundamentais que chamamos de doutrinas, verdades que devemos crer e obedecer. É através desses pilares que somos moldados e capacitados a viver de acordo com a vontade de Deus.

Nosso objetivo central é estimular cristãos de diversas tradições a desenvolver uma vida espiritual robusta e saudável, que glorifique a Deus e edifique a Igreja. O BTCast, nosso podcast semanal, tem sido uma extensão desse ministério, alcançando milhares de ouvintes ao redor do mundo. Através de conversas envolventes e informativas, exploramos temas teológicos, bíblicos e práticos que ajudam a edificar e desafiar os cristãos em sua caminhada com Cristo. Com uma linguagem acessível e uma abordagem descontraída, buscamos tornar a teologia relevante e aplicável para o dia a dia dos nossos ouvintes.

Este ebook é baseado na transcrição de três episódios. O primeiro é o "BTCast Vida Nova 037 - A Sã Doutrina", onde tive uma conversa com Igor Miguel sobre sã doutrina e ortodoxia, intercalado com citações do livro “Doutrina e Devoção: O Caminho da Verdade na Vida em Comunidade”. Em seguida, apresentamos a transcrição do episódio "BTCast 561 - Preparo Teológico". Além disso, incluímos um apêndice exclusivo, derivado de um episódio especialmente preparado para os mantenedores do Bibotalk, sobre “Falsos Mestres e Falsos Ensinos”.

Esses recursos visam aprofundar a compreensão dos leitores sobre a importância da doutrina correta e do preparo teológico adequado para a vida cristã. A EBT (Escola Bibotalk de Teologia) é um exemplo desse compromisso, proporcionando cursos e materiais que equipam os alunos para uma vida de fé sólida e bem fundamentada. Através de discussões profundas e convidativos episódios semanais, como os mencionados acima, o BTCast tem sido uma ferramenta indispensável para a formação teológica de muitos.

Esperamos que este ebook sirva como um guia prático e inspirador para todos que buscam aprofundar sua fé e entendimento teológico. Que ele seja um incentivo para mergulhar nas verdades bíblicas e viver de acordo com a vontade de Deus, promovendo transformação genuína em suas vidas e comunidades.[1]

Boa leitura!

RODRIGO BIBO

[1] Os episódios foram transcritos e adaptados para a forma escrita com a utilização de IA, porém, todo o conteúdo é de autoria humana.

01 A SÃ DOUTRINA [2]

Rodrigo Bibo e Igor Miguel

Podemos falar em ortodoxia em pleno século 21, depois de tanta história? ***Rodrigo Bibo***

Um livro que me abriu muito a mente para essa possibilidade, foi o livro “Paixão Pela Verdade" do Alister McGrath, é um livro muito contemporâneo, e todas as discussões atuais seriam facilmente resolvidas com uma leitura da obra. Primeiro, McGrath vai tentar delinear uma característica comum do que seria uma teologia evangélica, lembrando que quando falamos de teologia evangélica, falamos de alguns pilares, algumas ênfases tipicamente evangélicas, que são destacadas por ele no livro e que perpassam diversas tradições protestantes. Sendo assim, existem reformados que são mais evangélicos, existem pentecostais que são inevitavelmente evangélicos, por causa das ênfases evangelicais, existem luteranos, por exemplo, que são evangelicais, e existem até católicos que são evangelicais.

Existe um livro de um autor americano, que se chama George Weigel, que ainda não está traduzido para o português. Esse mesmo autor tem um livro em português “Cartas a Um Jovem Católico”, mas ele tem um outro livro em inglês que chama “Catolicismo Evangelical”, em que ele vai dizer que há um esforço na tradição católica e, claro, ele compara isso com o protestantismo, de uma relação mais pessoal com o Cristo, uma ênfase no estudo das escrituras, uma ênfase na evangelização, no trabalho missionário, na conversão pessoal, e uma ênfase na obra de Cristo na Cruz da Regeneração. Ou seja, os efeitos transformadores e uma capacidade de alta contextualização da pregação evangélica. E podemos dizer que isso seria uma característica geral do evangelicalismo.

[2] BTCast Vida Nova 037, episódio publicado em 30 de julho de 2020. Assista no Youtube ou ouça em seu aplicativo de streaming favorito. Também disponível em nosso site https://bibotalk.com/podcast/sa-doutrina-btcast-vida-nova-037/

Se vamos para o Pacto de Lausanne, por exemplo, que aconteceu no final da década de 70, que foi um grande encontro missionário evangélico e deu muita direção ao movimento evangélico, essas ênfases estão lá presentes. Então eu não acho que seja muito honesto, por exemplo, dizer que o movimento evangélico é tão caótico assim, pois temos alguma coisa que nos conecta. Claro que às vezes pode acontecer de ter igrejas que se identificam como evangélicas e que são pouco conscientes de que existe uma tradição evangélica, que existe um patrimônio teológico doutrinário evangélico, e tem também aqueles que até já desistiram dessa possibilidade.

Gosto muito de mencionar aqui, para citar uma referência brasileira, o saudoso Dom Robinson Cavalcanti, importante símbolo do evangelicalismo brasileiro, por causa do seu trabalho de diálogo teológico e da sua capacidade de trazer reflexão teológica para além do denominacionalismo, que características muito fortes deste autor. Ele escreveu um texto no final de 2010, falando sobre o neo anabatismo, o título era: “Brasil: um protestantismo anabatista?”, já naquela época, ele falava sobre uma tendência que ele percebia no movimento evangélico brasileiro de rejeição da sabedoria histórica da igreja, ou seja, de que a igreja tem uma tradição de confissão, de reflexão, de teologia, de confissões de fé, de credos ecumênicos, quando usamos esse termo “ecumênico”, as pessoas têm medo, mas ecumênico quer dizer aquilo que é comum. Existe um ecumenismo protestante no sentido de que nós, entre cristãos protestantes, podemos dialogar, podemos estar juntos e temos uma unidade confessional.

Que evangélico, por exemplo, ousaria, questionar ou duvidar dos “Cinco Solas”? Em que a Escritura é essencial, que somente Cristo é suficiente para a salvação, que a fé é o meio pelo qual nós obtemos graça de Deus, que a Escritura é uma regra de autoridade para nós e que somente a Deus a glória. Então é possível criar e inclusive ser profundo teologicamente, sobre temas que são comuns ao movimento evangélico, sem um discurso sectário. Eu, por exemplo, me encontro teologicamente, e com uma confissão dentro de uma tradição teológica específica. Eu me identifico com a tradição reformada. Por outro lado, temos um esforço, no sentido de mostrar que nós temos uma catolicidade, algo que é maior do que a minha lealdade confessional, que é o meu senso de pertencimento à cristandade. Então para mim, existe sim uma ortodoxia mais ampla, que é um solo comum entre as diferentes confissões evangélicas. **Igor Miguel**

> *Cremos numa Igreja que tem uma identidade comum, católica. Ser católico é ser abrangente, comum a todos, universal e pleno. Ser católico é reconhecer que o evangelho de Jesus independente das particularidades culturais ou das predileções étnicas, ou seja, trata-se de uma mensagem que transcende qualquer particularidade ou tipo de compromisso nacional, porque é abrangente e acolhe todos os tipos de pessoas. Ou seja, o que nos torna UM não são nossas predileções esportivas, ideológicas ou convencionais; o que nos torna UM é o compromisso que temos ao redor de Jesus e do Deus Trino - isso, sim, é o que nos mantém unidos e nos identifica como cristãos no mundo. Portanto, esse é o movimento que faz com que a igreja se sinta unida, conectada, congregada. Vanhoozer classifica esse movimento como movimento centrípeto do Espírito. É centrípeto porque puxa a igreja para o centro, para a identidade que lhe é comum. Esse é um movimento autêntico, que acontece no ato de congregar em igreja, em comunidade, para ouvir a Palavra e o testemunho do evangelho. O ato de congregar é um ato do Espírito, é a identidade da Igreja. (MIGUEL, 2022, p.38)*

O SOLO COMUM DO CRISTIANISMO

Eu queria trazer um texto que pudesse nos ajudar a pensar o tema da doutrina. Quando estudamos os primeiros 4 séculos da igreja, é inegável que nós temos ali muitas discussões teológicas profundas, sobre a pessoa de Jesus Cristo, sua essência, sua natureza etc., mas você disse que existe um solo comum. Ao escrever a Segunda Carta de Paulo a Timóteo, Paulo diz: *"Portanto, você, meu filho, fortifique-se na graça que há em Cristo Jesus. E as palavras que me ouviu dizer na presença de muitas testemunhas, confie-as a homens fiéis que sejam também capazes de ensiná-las a outros." (2 Timóteo 2:1,2 NVI).* Esses versículos nos ajudam a entender que, já no surgimento da igreja primitiva, havia um corpo doutrinário a ser preservado? **RB**

Interessante, porque quando você lembra que Jesus deu uma ordem aos discípulos dizendo que ele daria um Consolador e que seria o Espírito da Verdade, que daria testemunho de Jesus e depois ele diz que *"quando o Espírito da verdade vier, ele os guiará a toda a verdade" (João 16:13 NVI).* Olhamos para Efésios também quando Paulo diz:

> *"E ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, outros para pastores e mestres, com o fim de preparar os santos para a obra do ministério, para que o corpo de Cristo seja edificado, até que todos alcancemos a unidade que a fé e do conhecimento do Filho de Deus, e cheguemos à maturidade, atingindo a medida da plenitude de Cristo". (Efésios 4: 11-13 NVI)*

Me parece evidente que dentro do cânone bíblico do Novo Testamento, já existe uma promessa de que Deus guiará a igreja há uma compreensão de unidade a respeito da fé. Esse deveria ser um credo primitivo para nós, no sentido de que há uma providência do Espírito na história da igreja. Eu sou muito insistente nisso, porque observe, o que o evangélico tem como grande riqueza na sua tradição? A contextualização.

> *Então, nós, cristãos, mais do que nunca, precisamos anunciar uma boa-nova claramente comunicável. Recentemente houve um debate entre estudiosos envolvidos com a apologética, a defesa pública da fé, e concluiu-se que mais do que nunca os cristãos têm de mudar o modo como comunicam a verdade. A mensagem é inalterável, mas a maneira como é comunicada precisa ser melhorada. Passamos da época simplesmente para apresentar argumentos irrefutáveis; agora precisamos oferecer às pessoas uma história que faça sentido para elas. O homem pós-moderno não está em busca de argumentos, mas, sim, de uma história que cative o seu coração. Ele está em busca de uma narrativa, e nós temos um livro inteiro de narrativas, um livro recheado de histórias sobre como Deus age, opera, salva e redime. (MIGUEL,2022, p. 43)*

Existe hoje um enorme debate sobre contextualização, Timothy Keller já fez vários podcast sobre contextualização. Os evangélicos são os mestres da contextualização, isso está comprovado. Os católicos precisam aprender, igrejas históricas precisam aprender, porque o evangélico tem uma enorme capacidade de tornar acessível e popular verdades que são profundas e eternas, porém, às vezes, na hiper contextualização, a doutrina se perde, a riqueza da verdade se perde, porque as pessoas se preocupam tanto em tornar a Palavra

aceitável que acabam sacrificando ou omitindo determinadas verdades pelo crescimento numérico.

Fazemos o uso errado disso, o uso equivocado, claro é um pragmatismo, é verdade, isso é um extremo. Por outro lado, estamos chegando em um momento histórico, na minha percepção, e não estou falando sozinho, pois temos algumas obras em inglês, que já estão chegando em português, sobre isso, que é uma espécie de recuperação do patrimônio histórico do evangelicalismo. O evangelicalismo se aventurou tanto na contextualização que ficou desenraizado historicamente, ele perdeu esse senso de que ele pertence à cristandade, e que é cristandade, não é uma exclusividade do Catolicismo Romano.

Estamos em um cenário que precisamos estudar teologia histórica, por exemplo, quando olhamos para igreja primitiva, olhamos para uma tradição. Paulo fala sobre tradição, ele fala sobre legado, sobre transmitir aos fiéis, essas pressões estão lá. Mas eles continuaram? Sim, por exemplo, 100 anos depois da Era Apostólica, vemos Irineu de Lyon, no livro contra as heresias, onde ele diz claramente: “essa é a tradição que nós recebemos dos apóstolos”. Irineu de Lyon basicamente escreve o credo apostólico, em que cremos que Deus é Pai todo-poderoso, que Jesus nasceu de uma virgem, que Cristo veio ao mundo, padeceu sob Pôncio Pilatos, mostrando a historicidade de Jesus, porque tem um personagem histórico, Jesus nasceu naquela época, morreu naquela época e depois ele descreve a Ressurreição de Cristo, sua Ascensão, o retorno dele, o juízo do mundo vindouro, então, tem pilares que são, sem dúvida nenhuma, clássicos da ortodoxia cristã.

O CREDO APOSTÓLICO

> *Creio em Deus Pai Todo-poderoso, e em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor. E no Espírito Santo, na santa Igreja, na ressurreição da carne. Creio em Deus Pai Todo-poderoso. E em Jesus Cristo seu único Filho nosso Senhor, que nasceu do Espírito Santo e da virgem Maria; concebido sob o poder de Pôncio Pilatos e sepultado; ressuscitou ao terceiro dia; subiu ao céu e está sentado à mão direita do Pai, de onde há de vir julgar os vivos e os mortos. E no Espírito Santo; na Santa Igreja; na remissão dos pecados; na ressurreição do corpo.*

Essa tradição continua e vai sofrendo desafios missionários na medida que o Evangelho vai avançando. Um exemplo é o Concílio de Nicéia ou o concílio niceno-constantinopolitano do quarto século, em que Atanásio deu um show de argumentação teológica e houve um consenso da maioria em relação à posição trinitária. Mas é curioso pensar que a igreja, nesse momento histórico, tem que ter definições mais claras sobre a natureza de Jesus, a natureza do Pai, a relação dos dois, pois a obra do Espírito foi trabalhada mais para frente com os pais capadócios.

Nesse momento da história, a preocupação é a relação entre o Pai e o Filho, qual a relação dessa divindade de Jesus? Isso é fundamental, é uma preocupação na época dos apóstolos, não na mesma intensidade que encontramos quando o Evangelho penetra no mundo greco-romano, porque as questões do mundo greco-romano eram diferentes das questões do mundo judaico, então, é claro que a igreja tem que dar uma resposta. Perguntamos, mas que autoridade que a igreja tem? Olha, igreja tinha as Escrituras nas mãos, a companhia do Espírito, ela tinha condições de olhar para as Escrituras e apurar a partir das Escrituras, qual seria a melhor explicação pública a respeito de quem é o Pai e de quem é Filho.

Eu quero só chamar atenção para um outro detalhe, é muito comum as pessoas dizerem que foi um decreto imperial, mas nós tínhamos aproximadamente 800 bispos, poucos concílios da história da igreja foram tão ecumênicos como o Concílio de Niceia. Tínhamos bispos da igreja oriental, bispos da igreja da Alexandria, bispo de igrejas ocidentais, e até da Península Ibérica, então imagina, era uma representação da cristandade que poucas vezes na história conseguimos. Não era um concílio Romano, até porque ainda não existia a noção de Bispo primaz, ou seja, era um colegiado de bispos, de líderes da igreja antiga. Então, precisamos primeiro superar essas “viagens teológicas" que tentam depreciar o caráter histórico da igreja, pois tem uma operação do Espírito acontecendo na história. IM

Interessante a sua fala, concordo plenamente com ela, muitas pessoas utilizam a história da Igreja nos primeiros séculos, para falar que existia essa variedade de crenças acerca do próprio Cristo e acerca da natureza trinitária. E com isso colocam a ortodoxia em dúvida usando o argumento de que existiam crentes que não acreditavam que Jesus era Deus, que acreditavam que ele era apenas o filho de Deus, que não entenderam a natureza divina de Jesus. Ninguém está negando que existe uma variedade de crenças e de doutrinas, não

negamos que os três primeiros séculos foram bem fomentados nas discussões, porque a igreja sempre vai vivendo momentos históricos e precisa responder a este momento histórico, alguns vão dizer que a única crença, que é solo comum é: “Jesus Cristo é o Senhor”. Não consigo concordar com isso, acho muito difícil você reduzir todo o trabalho apostólico nessa única crença, que sim, eu creio que ela é basilar. Entender Jesus Cristo como o seu Senhor, diante de um contexto de imperadores que se achavam deuses, realmente tem um peso, mas eu não acredito que apenas isso seja o solo comum, porque Paulo está falando de verdades que devem ser transmitidas.

Diante disso, percebo que o que eu acredito hoje, enquanto igreja e filho dessa tradição, bate com as Escrituras. Então, eu creio sim, que não foi a opinião dos vencedores, que faziam parte do grupinho de Constantino, que definiu o que acreditamos, que não foi por causa do imperador, que hoje o pessoal acredita que Jesus Cristo é Deus. Inclusive alguns ainda dizem que o cânon foi alterado para embasar essas opiniões. No entanto, se você estuda a história da igreja, percebe que os 27 livros do Novo Testamento já circulavam e já tinham autoridade na igreja muito antes. RB

Não precisa ir longe, eu já te contei essa história, uma vez eu estava no Líbano fazendo um trabalho humanitário, e me encontrei com um teólogo ortodoxo oriental, quer coisa mais diferente em relação à nossa tradição ocidental evangélica protestante, do que isso? Eu me sentei com o teólogo ortodoxo oriental, estávamos tomando um Arak, que é uma bebida tipicamente libanesa. Nós pertencemos a tradições totalmente distintas, mas conversamos sobre C. S. Lewis, Chesterton, Trindade, a natureza de Deus etc. Uma conversa extremamente agradável e nos sentimos parte da mesma cristandade, porque conversamos sobre coisas que são de uma apreciação comum.

Então eu acho que nos falta a capacidade de olhar para aquilo que é rico de maneira interconfessional, sempre cito uma frase do Bavinck sobre o catolicidade, na “Dogmática Reformada”, lembrando que o Bavinck é um dos maiores teólogos sistemáticos de tradição calvinista. E ele fala: “Deus não depositou a totalidade da verdade cristã em nenhuma tradição”. Essa frase é maravilhosa, porque nos dá um senso de modéstia, diante de outras tradições, então, por exemplo, eu que sou calvinista, tenho que aprender com os irmãos católicos, tenho que aprender com irmãos anglicanos, luteranos, pentecostais-carismáticos, de alguma tradição arminiana, metodistas. Meu irmão, não tenha dúvida, eu tenho que

aprender com os morávios, tenho que aprender com nossos irmãos menonitas, a paixão dos menonitas pela missão que é uma herança morávia, eu tenho muito o que aprender agora.

DEFININDO ORTODOXIA

Claro que é difícil definir uma ortodoxia fechada, temos dificuldade de lidar com complexidade, mas pensa no sol brilhando, tem um núcleo que brilha mais, nitidamente é a verdade, mas na medida que você se afasta do sol, você começa a ver um degradê de sombra e sol, então é difícil dizer "aqui acaba o sol, aqui começa a sombra", mas é nítido quando você tem uma clareza a partir daquele núcleo que é o sol, que alguma coisa está indo mais para a escuridão do que para a claridade, e você tem que apresentar os argumentos ou as evidências, porque uma coisa está indo mais para as trevas do que para a luz, e dizer: "isso aqui tem elementos de verdade e tem elementos que não são verdadeiros", e aí apresentar as evidências. É claro que falar de verdade no mundo da pós verdade, falar de ortodoxia no mundo que anseia por ortodoxia generosa, ou uma ortodoxia privada, parece autoritário demais.

Vou citar seis mitos que na minha opinião, existem sobre a doutrina cristã:

1. Doutrina cristã é uma série de conceitos teológicos abstratos. Esse é o primeiro problema que o pessoal tem com a doutrina, relaciona abstrato e teórico, pertence ao universo dos teólogos e não toca nas questões reais da minha vida.
2. Doutrinas são assuntos acadêmicos e teológicos, é problema dos nerds da igreja, dos nerds da teologia e não tem nada que ver com a vida concreta das pessoas, com a vida real das pessoas.
3. Doutrina é subjetiva, cada indivíduo tem a sua elaboração doutrinária, cada um adota para si uma doutrina.
4. Doutrina e prática são dicotômicas, ou seja, a doutrina não tem nada para dizer sobre prática e geralmente, quem tem muito zelo doutrinário, tem pouca vida cristã.
5. Doutrina é uma forma de controle das mentes, ela é inimiga do espírito livre, do espírito independente. Muitos libertários são anti doutrinários, antidogmáticos.

6. Doutrina esfria o Espírito Santo, apaga o fogo do Espírito. Dizem por aí que o zelo doutrinário é um inimigo do poder e da obra do Espírito Santo nas pessoas.

Lembrando que esses seis mitos tem um fundo de verdade, porque existem pessoas que tratam doutrina como conceitos abstratos, pessoas que, por exemplo, tratam a doutrina de maneira excessivamente acadêmica, com pouca preocupação com as implicações pastorais da doutrina, e também é verdade que tem gente que trata a doutrina como uma síntese subjetiva desenraizada, sem conexão histórica, pessoas que mantém um abismo enorme entre doutrina e prática, ou que tentam usar a doutrina como meio de controle político ou para exercer poder sobre pessoas e acaba impedindo, de fato uma certa liberdade humana que também é uma dignidade que Deus deu ao ser humano, e finalmente é verdade que existe uma ortodoxia morta, Francis Schaeffer falava sobre isso, o que é uma ortodoxia morta? É quando a doutrina, como diz Calvino, ela se torna só de lábios e não penetra no coração e não chega nos afetos.

> *Gosto da tradição dos teólogos do coração no cristianismo antigo. Agostinho de Hipona, João Calvino, Jonathan Edwards, C. S. Lewis e alguns teólogos e filósofos contemporâneos têm falado e costurado entre si a noção de que as verdades que aprendemos intelectualmente precisam assumir o coração. João Calvino, nas Institutas, diz que "a doutrina não pode ser apenas de lábios, mas deve penetrar o coração e chegar aos afetos". Penetrar o coração e chegar aos afetos por uma razão: quando estamos diante de um dilema moral e escolhemos fazer a vontade de Deus, em última instância é a nossa própria vontade que determina essa escolha, pois é a Deus que amamos e é por ele que nosso coração está cativo. (MIGUEL, 2022, p. 50,51)*

Então, quando a doutrina não penetra no coração e não chega nos afetos, você pode ter um indivíduo extremamente zeloso pela doutrina, mas com a vida desintegrada dessa doutrina. A doutrina é um problema? Não! O problema é o ser humano.

O problema aqui é o ser humano que continua caído precisando de Regeneração e, ironicamente, um ser humano que precisa de tudo aquilo que a doutrina está ensinando. Que precisa ser justificado, regenerado, santificado, que são os temas clássicos da doutrina cristã, e que necessita se maravilhar com Deus. É curioso pensarmos que na igreja primitiva vemos

isso nas cartas de Paulo, na linguagem de Jesus, a separação entre doutrina e prática era simplesmente inexistente, atualmente nossa cultura faz essa dicotomia, porque nós somos filhos do racionalismo. Nós somos filhos da modernidade e a modernidade ensina que a mente controla a realidade, os conceitos controlam a realidade, achamos que na teologia é a mesma coisa, e isso é um grande equívoco. Na visão clássica, a doutrina está muito mais próxima de uma linguagem de sabedoria do Antigo Testamento, que é uma linguagem de viver sabiamente do que uma linguagem grega ou helênica, de uma teoria que controla o mundo, das ideias que controlam a realidade.

Precisamos recuperar uma noção, digamos, mais sapiencial, mais sábia do que significa a doutrina. Doutrina tem a ver com a vida, tem a ver com a existência, tem a ver com o modo como eu crio filhos, como eu trabalho, como faço cultura, como me relaciono com as pessoas, como eu comunico o Evangelho para o mundo. A doutrina é inescapável, mesmo aqueles que dizem que se não há *ortodoxia*, não há doutrina, acabam elaborando suas próprias certezas. **IM**

Defendemos que sim, existe uma doutrina correta que perpassa a história da igreja, perpassa a formação do cânon e chegou nos dias de hoje até nós, por mais que tenha variações, por mais que algumas tradições vão para um lado, outras para outro, o importante é que todos se encontram num solo comum. Nós acreditamos em uma doutrina correta. Gregg cita os conceitos bem básicos, de que a doutrina é crida e existe uma crença correta, ou seja, a *ortodoxia*. Quando a doutrina é praticada, que é a *ortopraxia*, a prática correta e uma vida santa. Temos o termo *ortopodia* do Ênio Muller, que é, um caminhar na verdade, a sabedoria.

Então podemos concluir que *ortopodia* é a forma de caminhar na presença de Deus, na Verdade perante o mundo. Alguns também colocam a *ortopatia*, que são os sentimentos corretos. Resuma tudo em *ortopodia,* ou seja, o caminhar na Verdade, pois na mentalidade bíblica não há essa divisão, nós que dividimos *ortodoxia*, *ortopraxia*, para trazer clareza, nossa mente é muito fracionada, mas na mentalidade bíblica, crer é obedecer. **RB**

> *O que é o caminho do evangelho? Sabemos que os cristãos da antiguidade eram chamados "os do caminho". O que é o evangelho? Falar do evangelho é um universo, por isso pense nele como um diamante multifacetado. Podemos eleger uma de suas faces e explorá-la por um dia inteiro, mas, assim como o diamante, o evangelho tem múltiplas faces, múltiplas perspectivas da boa-nova.(MIGUEL, 2022, p.48)*

Porque nós somos filhos da modernidade, é meio inevitável usar essas classificações. Não é curioso pensar que o dia que Deus decidiu se revelar ao mundo na sua forma mais radical, Ele não fez isso como um artesão, como um cozinheiro ou como um soldado líder de um exército? Ele decidiu se revelar como um professor cercado de alunos. Isso é emblemático, se Jesus se revela no mundo como um professor cercado de alunos, porque discípulo é aluno, discípulo é aprendiz. Deus um dia falou "quero me exibir no mundo", e Ele se exibiu como uma escola. Para mim é encantador, porque isso significa que não há nada mais anticristão, nesse sentido, do que a aversão que algumas tendências vão ter à teologia cristã ou aprendizagem cristã, ou a ênfase cristã no ensino A igreja cristã, historicamente é uma igreja do ensino, você pega a carta de Paulo a Timóteo: *"Pregue a palavra, esteja preparado a tempo e fora de tempo, repreenda, corrija e exorte com paciência e doutrina". (2 Timóteo 4:2 NVI)*

Paulo insiste no ensino, na verdadeira doutrina, e ele bate no ensino o tempo inteiro, na *didaskalia,* na doutrina. Paulo não enfatiza isso atoa, porque Paulo é fruto da escola de Jesus, uma escola que é reproduzida por Jesus, a grande comissão, que é: "*Portanto, vão e façam alunos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo". (Mateus 28:19 NVI)*

Podemos até ter uma discussão sobre os limites da doutrina correta, da Sã Doutrina, agora dispensar a possibilidade de uma doutrina sã, ou a possibilidade de uma doutrina correta, é no mínimo infringir coisas que são claras nas Escrituras. Paulo não pensava em verdade, como um homem pós-moderno, que relativiza a verdade como ponto de vista de cada indivíduo. Inclusive a noção de indivíduo moderno e pós-moderno que nós temos hoje, nem existia na época de Paulo. Então isso é muito mais uma intromissão cultural dentro do cânone do que o contrário. Por isso, esse é um ponto importante para deixarmos claro, que Jesus se apresentou ao mundo como um professor cercado de alunos. IM

Olha só o que diz aqui em Tito: *"Você, porém, fale o que está de acordo com a sã doutrina. Ensine os homens mais velhos a serem moderados, dignos de respeito, sensatos, e sadios na fé, no amor e na perseverança". (Tito 2: 1,2 NVI)* Paulo está falando de uma comunidade pedagógica. Olha como a doutrina está na essência do que é ser igreja.

A IMPORTÂNCIA DA DOUTRINA

Existe também uma dúvida sobre qual a diferença entre sã doutrina e usos e costumes, que é um erro muito comum nos movimentos pentecostais e carismáticos, onde pessoas acabam oprimindo outros irmãos e irmãs por conta de um costume local. Podemos fazer essa distinção entre a sã doutrina e os usos e costumes? RB

Isso foi um erro de uso terminológico em algumas denominações. Existe uma, particularmente, que tem até um "culto de doutrina" que equivocadamente tem esse nome e acaba sendo um culto para falar de usos e costumes, vestimentas, trajes, práticas mais externas da vida cristã. Isso é uma grande confusão, porque biblicamente o termo *didaskalia* nunca foi utilizado com esse sentido, ele sempre é utilizado no sentido de fundamentos ou verdades que orientam práticas cristãs, ou descrevem os grandes feitos de Deus, e tem muito mais essa ênfase. A Doutrina basicamente fala sobre a pessoa de Deus e a obra de Deus, o que Deus é e o que Deus está fazendo.

Por exemplo, quando falamos da ordem da salvação, *ordo salutis,* falamos da Regeneração, Conversão, Justificação, Santificação, Glorificação etc. Quando descrevemos essas dimensões da operação da obra salvadora de Deus, nós tocamos no tema da doutrina. Então isso foi um erro terminológico, um termo inadequado e infeliz na utilização, reduzido meramente a determinadas práticas externas ou determinados trajes que a pessoa utiliza. Então, doutrina é uma descrição da verdade cristã em todos seus aspectos, não somente na externalização de determinadas práticas, que são às vezes mais culturais, do que qualquer outra coisa. IM

Outra coisa que o Gregg também fala aqui no livro dele é que a doutrina, além de ser crida, além de ser praticada, ela é confessada. Confissão é a declaração pública da fé cristã, ou seja, a doutrina me ajuda a fazer teologia pública? RB

Exatamente. Eu não tenho dúvida, dando um exemplo de um dos raros teólogos que têm essa capacidade, por uma influência da teologia reformacional, herança de Kuyper, porque Kuyper tinha essa capacidade, de pegar temas clássicos da teologia cristã, temas que pareciam até caseiros e transformar isso em subsídio para uma teologia pública.

> *Nós, como cristãos, devemos fazer um exercício envolvendo a pregação, o ensino, a evangelização e a missionariedade da Igreja, de modo a adotar um linguajar claro, humano e acessível ao público. Mais do que nunca, precisamos ser pastores, líderes e missionários públicos. A nossa mensagem reveste-se de uma característica pública, razão pela qual temos de tocar em assuntos públicos numa linguagem comum. Isso é catolicidade, linguagem abrangente, ou seja, levar a mensagem abraâmica até os confins da terra.(MIGUEL, 2022, p.40,41)*

Vou dar exemplo contemporâneo, pega o livro “Justiça generosa” do Timothy Keller. Ele faz uma aplicação da doutrina da justificação para a justiça pública, e é extraordinário. Então ele diz que cristãos justificados se preocupam com a justiça, cristãos que receberam a graça se preocupam com a generosidade, Keller faz uma interface. Por exemplo, quando ele escreve o “Ego Transformado”, que parece que a doutrina da justificação é uma doutrina irrelevante para o mundo contemporâneo, Keller refuta essa ideia pois na verdade, a justificação diz respeito a aceitação do homem perante Deus, é uma crise de aceitação, basicamente, é isso que está por trás da doutrina da justificação

Timothy Keller pega um trecho de uma entrevista da Madonna dizendo que ela tem que trabalhar todos os dias, se reinventar todos os dias, se não ela cai no esquecimento. O que está por trás dessa motivação da Madonna? Uma crise de aceitação, para ser aceita, ela tem que se reinventar, se refazer todos os dias. Keller traz isso para a doutrina da justificação, o cristão precisa entender que essa crise de aceitação, de aprovação alheia é uma tentativa de escapar ou sobreviver aos tribunais alheios. Estamos o tempo inteiro sendo colocados em tribunais, tribunal das pessoas, da família, dos amigos etc. Só que Paulo diz que o único tribunal que você tem que temer é o de Deus, que é o tribunal mais rigoroso que existe, é o tribunal, que descreve o que o homem é de verdade, o que vai dizer quem você é de verdade,

e para quem está em Cristo, não precisa temer mais nada. E ele diz, quem intentará, citando Paulo, acusação contra os eleitos de Deus? Deus o justifica.

Então observe, ele traz um tema clássico doutrinário, que a justificação pela fé e aproxima dos desafios contemporâneos que são apresentados para nós. Então, se o homem contemporâneo tem um problema de aceitação, com a auto afeição, com a própria imagem, a justificação é um antídoto para esse problema. Observe, descrevemos a justificação doutrináriamente, mas ela é mais do que uma descrição doutrinária, ela é um modo eficaz pelo qual Deus coloca os homens diante de si por meio de Jesus. Quando eu descrevo doutrinariamente o que Deus está fazendo, isso produz em mim maravilhamento, e toda a descrição doutrinária que produz maravilhamento está cativando o meu coração a se devotar a quem Deus. Posso olhar para a doutrina como uma fórmula matemática e impessoal, mas se olho para a doutrina como uma doutrina que tem como pano de fundo, uma história, porque não tem como falar de justificação sem falar de Abraão, sem falar da cruz, não tenho como eu falar de Regeneração sem falar da ressurreição de Cristo e de toda a história que tem por trás disso. Por trás de toda a doutrina há uma narrativa, onde nos maravilhamos com Deus, essa é a proposta da Doutrina. IM

O uso incorreto da doutrina por parte de movimentos e até períodos históricos da igreja não pode inutilizar, não pode desvalorizar a doutrina, porque houve opressão, porque pessoas foram mortas em nome de uma *ortodoxia*. Ninguém nega as tragédias da Igreja, não precisamos ter vergonha disso, precisamos aprender com isso, porque hoje em dia não queimamos ninguém por ensinar coisa errada, mas temos a nova praça pública que são as redes sociais. Agora, o uso errado não pode virar um relativismo, uma justificativa para a impossibilidade de qualquer doutrina verdadeira. RB

Você não acha que em um cenário onde temos uma explosão de narrativas, o que é típico da pós-modernidade, uma explosão de ofertas ideológicas, um cenário em que as pessoas se agarram a qualquer visão política que aparece ou qualquer narrativa política. Não parece evidente que, ao contrário do que muita gente anda pensando, as pessoas estão à procura justamente de *ortodoxia*? IM

Sim, pois vivemos em uma confusão de narrativas, não é à toa que alguns movimentos extremistas ganham tantos adeptos. Por que alguns movimentos extremistas ganham tantos

adeptos? Por que mesmo num mundo globalizado as tribos que se fortalecem? Porque as pessoas buscam identificação e senso de pertencimento. Olha que coisa maravilhosa é a fé cristã, porque por trás da doutrina, existe uma história. Gosto muito de ouvir o Marco Cruz quando ele fala da igreja perseguida, porque ele nos inclui na perseguição, se os nossos irmãos são perseguidos, por sermos igreja, também somos perseguidos.

Nós precisamos da *ortodoxia*. Nós precisamos saber a doutrina correta. Mas nós não queremos uma ditadura da *ortodoxia*, não quero ficar condenando quem acredita diferente de mim. Não é uma ditadura da *ortodoxia*, como alguns fazem, é inegável, as pessoas confundem muito erro teológico com heresia. Precisamos entender o mecanismo por trás disso, pois nós acreditamos em um solo comum, é nele que apoiamos nossos pés, acreditamos que Jesus Cristo é o Senhor, na soberania de Deus, nas doutrinas basilares que constroem esse chão. Precisamos desse chão, pois oferta de narrativas de pertencimento estão espalhadas por aí. RB

Não tenho nenhuma dificuldade de dialogar com irmãos, que se localizam dentro de determinadas confissões de fé, mas eu tenho uma enorme dificuldade de dialogar com quem não tem confissão nenhuma. É claro que a Bíblia é nosso livro de regra de fé e prática, mas você precisa pertencer a uma comunidade local que tenha uma clara confissão de fé, que tem uma clara identidade confessional. Então, de repente você tem uma sensação de que consegue manter diálogo com quem tem confissão de fé, porque sabe, com quem está conversando. Primeiro preciso saber com quem eu estou conversando para ter um diálogo, preciso saber quais são os limites.

Por exemplo, eu tenho uma enorme dificuldade para dialogar em termos teológicos com católicos liberais, porque eles questionam pilares que são do próprio catecismo católico. Mas com um católico, por exemplo, que é minimamente conservador na teologia, que caminha dentro dos limites do catecismo católico, eu consigo manter um diálogo excelente, porque até nos pontos que eu discordo eu sei do que estou discordando, com quem que eu estou falando. Então isso é importante mencionar, muita gente acha que lealdade confessional é um inimigo da unidade. Ao contrário, eu vou ter como saber de onde você está falando, quais são as riquezas da sua tradição que podem contribuir com a minha. Então o pessoal tem medo de ter uma identidade doutrinária e dividir mais do que unir. O problema não é a doutrina, o problema são os seres humanos. IM

A quarta aplicação que o Gregg[3] faz da doutrina cristã, lembrando que a primeira é que ela é crida, a segunda é que ela é praticada, a terceira, é que ela é confessada e a quarta é que ela é ensinada. É a transmissão fiel da crença cristã de uma geração para outra. **RB**

Tem um trecho do livro do Gregg que achei sensacional, com o título "Doutrina cristã como sabedoria antiga para a igreja de hoje" em que ele lista uma série de tópicos, que são os temas, inclusive, que ele explora no livro. Ele fala sobre algumas ênfases que é um terreno super comum evangélico: inspiração, autoridade, veracidade, poder e centralidade da Bíblia e da revelação divina, existência e conhecimento de Deus e sua natureza a Trindade, criação e providência, realidade, operação de seres espirituais, Anjos e demônios, dignidade de seres humanos como portadores da imagem de Deus, depravação ou queda, divindade e humanidade de Jesus, incluindo o seu nascimento virginal, obra de salvação de Jesus, a pessoa e obra do Espírito Santo, aplicação da salvação, perdão, justificação, Regeneração, a igreja como povo de Deus, o corpo de Cristo, o templo do Espírito Santo, a igreja como Una Santa católica, ou seja, universal e Apostólica, os meios de graça, escatologia, escatologia cósmica, o Novo Céu e a Nova Terra.

Sei que podemos ter nuances de ênfases nesses tópicos, mas em termos gerais, nós temos confissões, temos crenças comuns sobre esses tópicos, por exemplo, eu acho que nenhum cristão da tradição evangélica, discordaria que a salvação é uma operação da graça e que isso independe das nossas obras, que as nossas obras operam como uma resposta da salvação. É muita coisa em comum, que podemos conversar e caminhar juntos como cristãos. **IM**

[3] 50 Verdades Centrais Da Fé Cristã - Um Guia Para Compreender E Ensinar Teologia adquira aqui https://amzn.to/3J4LmUX

02 PREPARO TEOLÓGICO [4]

Rodrigo Bibo, Ziel Machado, Ivone Botelho, Marco Botelho e Victor Fontana

Estamos aqui reunidos para explorar um aspecto fundamental da liderança: o preparo bíblico. À primeira vista, pode parecer um tema óbvio, algo que todos os líderes deveriam saber de cor. No entanto, muitas vezes, é exatamente nas coisas mais evidentes que encontramos a maior necessidade de reflexão e reafirmação. Quando observamos o cenário atual fica claro que muitos líderes, apesar de sua dedicação e boa vontade, enfrentam desafios por falta de um sólido preparo bíblico.

Isso me leva a refletir sobre uma questão fundamental: por que alguns líderes parecem tão despreparados biblicamente? É uma realidade que não podemos ignorar. Mesmo que muitas vezes não se fale abertamente sobre isso, é evidente que há líderes que, apesar de suas qualidades pessoais e do preenchimento de certas necessidades, carecem do preparo adequado.

Vamos começar apresentando a perspectiva de Ivone. Ivone, você poderia explicar por que acredita que o preparo bíblico é tão essencial para a liderança? E, se possível, comentar sobre as razões pelas quais muitos líderes acabam ocupando suas posições sem o devido preparo? **Rodrigo Bibo**

Podemos intencionalmente decidir ler mais as Escrituras, aprendendo e estudando com propósito, querendo conhecer mais a vontade de Deus, quem é Deus, quem é Jesus, e entender meu propósito aqui. Muitos de nós estamos despreparados, talvez por falta dessa convicção, mas é crucial nos aproximarmos das Escrituras. Elas testificam de Jesus, nosso Salvador e razão de viver. Podemos aprender e crescer muito nesse conhecimento, que está à nossa disposição. Precisamos apenas decidir e querer. **Ivone Botelho**

Então, é perigoso toda vez que desassociamos privilégio e responsabilidade. O privilégio de liderar e de abrir a Bíblia em público implica a responsabilidade de fazer isso com o devido temor e reverência. Uma das formas de expressarmos nosso compromisso, temor e reverência no trato com o texto bíblico é empenhar todo o nosso esforço e disciplina para entender e estudar a Palavra. O apóstolo Paulo, quando escreve para Timóteo no capítulo 2, diz*: "Medite estas coisas e dedique-se a elas, para que o seu progresso seja visto por todos."*

[4] BTCast 561, episódio publicado em 2 de julho de 2024. Assista no Youtube ou ouça em seu aplicativo de streaming favorito. Também disponível em nosso site https://bibotalk.com/podcast/preparo-teologico-btcast-561/

> Portanto, toda pessoa que abre a Bíblia em público tem a responsabilidade de se preparar para fazê-lo. Não fazê-lo é criar uma divisão desnecessária entre privilégio e responsabilidade. Essa junção expressa melhor nossa vocação e nosso temor ao lidar com o texto em toda conversa sobre preparo bíblico e teológico.

(1 Timóteo 4:15 NAA) Assim, nesse texto, vemos essas duas dimensões: a necessidade do Espírito que nos orienta e a disciplina de nos ocuparmos em estudar e refletir sobre isso.

Portanto, toda pessoa que abre a Bíblia em público tem a responsabilidade de se preparar para fazê-lo. Não fazê-lo é criar uma divisão desnecessária entre privilégio e responsabilidade. Essa junção expressa melhor nossa vocação e nosso temor ao lidar com o texto em toda conversa sobre preparo bíblico e teológico. **Ziel Machado**

Em toda conversa sobre preparo bíblico e teológico, é importante lembrar que, na liderança da igreja do primeiro século, a pessoa mais preparada cognitivamente e teoricamente foi aquela que perseguiu a igreja. Não há dúvida de que Paulo, entre todos que serviram à igreja de Jesus Cristo no primeiro século, era o mais preparado intelectualmente em relação ao texto bíblico. E esse mais preparado foi quem perseguiu a igreja até ter um encontro com Cristo Jesus. Então, toda vez que falamos sobre preparo bíblico, é necessário entender que esse preparo não é apenas um conjunto de elementos intelectuais que aprendemos para servir melhor no ministério. A responsabilidade mencionada por Ziel é uma responsabilidade relacional.

Conhecer o Senhor Jesus Cristo e ter um encontro com Ele deveria criar um desejo irresistível de saber mais e de conhecê-Lo melhor. Gosto de fazer uma analogia que aqueles mais experientes entenderão. Hoje em dia isso não acontece mais, mas, se voltarmos um pouco no tempo, quando eu era adolescente, quando estávamos apaixonados, ligavamos para a pessoa amada e, no final do telefonema, havia uma disputa: "Desliga você." "Não, desliga você." Era um desejo intenso de estar com a pessoa amada, ouvir sobre ela, e, em um relacionamento verdadeiramente saudável, que talvez terminaria em casamento, havia um desejo de conhecer melhor a pessoa: suas preferências, o que ela pensa, e seu histórico de vida. E, mesmo em um casamento saudável, esse desejo persiste. Queremos conhecer melhor a outra pessoa para nos relacionarmos com ela.

O preparo, que deve partir de um ponto de vista relacional e não meramente intelectual e cognitivo, vem desse desejo. Quando amamos, desejamos conhecer mais. Por isso, preparo bíblico e teológico não deve ser apenas decorar versículos. É conhecer o texto, olhar para ele e sentir que ali está o momento de conversa que não queremos que acabe. Ali está o momento de ouvir a respeito do Senhor que amamos. É o momento em que Aquele

que nos amou de maneira única e surpreendente nos pede para ouvir Suas palavras de amor. Assim, o preparo bíblico deve sempre partir de um encontro revelacional primeiro. Caso contrário, não adianta nem mesmo o mais preparado intelectualmente, como era o apóstolo Paulo, que inicialmente perseguiu a igreja, e foi a partir de um encontro, que isso mudou. **Victor Fontana**

Um parêntese: essa sua fala me fez refletir sobre um ponto que não é o tema do nosso podcast, mas é o perigo de conhecer a teologia sem um encontro com Cristo. Esse é um tópico que já abordamos várias vezes no BTCast, mas sua fala ilustra bem esse problema. Afinal, eram os fariseus que, apesar de seu profundo conhecimento teológico, não reconheceram Jesus como o Messias. **RB**

Eu diria encontros, no plural. É claro que Paulo teve um encontro decisivo no caminho para Damasco, mas Cristo também teve um encontro com seus discípulos, mesmo depois de uma crise de fé. Estou falando do capítulo final do Evangelho de Mateus. Você pode se perguntar: quando os discípulos estavam mais preparados? No final do discipulado, após três anos de ministério com Jesus. No entanto, depois de Sua ressurreição, Ele marcou um encontro com os discípulos. Eles chegaram lá, e alguns O adoraram, enquanto outros duvidaram.

Qual era o preparo ali? Mesmo diante do Cristo ressuscitado, alguns duvidaram. E, em vez de dar uma reprimenda, Jesus entregou a nós e àqueles discípulos, na crise de fé, a Grande Comissão:

> *"Vocês duvidaram? Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações. Batizem em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e ensinando a obedecer tudo o que eu lhes tenho ordenado." (Mateus 28:18-20 NVI). E a parte dos encontros: "E eu estarei com vocês todos os dias, até o fim dos tempos." (Mateus 28:20 NVI)*

Assim, à medida que discipulamos e vivemos, temos encontros. Quando deixamos de discipular, batizar em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e ensinar tudo o que Jesus nos ordenou, a cognição e a memória permanecem, mas os encontros com Cristo no meio do caminho são perdidos. Isso pode levar ao que muitos já enfrentaram e às vezes enfrentamos também: o super intelectual que teve uma experiência com Cristo, foi para o seminário, estudou, e se tornou pastor ou teólogo, mas, em algum momento, ele se tornou mais um guardião de uma doutrina do que alguém que se encontra com Cristo. Ele pode se tornar o detentor de um título, em vez de alguém que se encontra com Cristo. Pode se ver em uma

cruzada contra algo ou alguém, em vez de ter encontros contínuos com Cristo. Mas é isso: encontros ao longo do caminho. **VF**

O difícil de ser o último a responder uma pergunta é que todas as metáforas já foram usadas. O Fontana usou Cantares para fazer analogia, então vou tentar usar o drama das Escrituras. A importância de estudar a Palavra de Deus está no fato de que, por causa do pecado, perdemos nossa capacidade de reconhecer e conhecer Deus. Deus decidiu se revelar de uma forma única, não foi através da Bíblia, mas através de Jesus Cristo.

No entanto, o melhor lugar, a fonte confiável de fé e prática para conhecer e andar com Jesus, são as Escrituras. Nós, reformados, acreditamos que a única fonte de fé e prática são as Escrituras. Eu gosto da palavra "fonte" porque a fonte não é a água. Nós apenas nos alimentamos da água. Podemos nos confundir e pensar que o objetivo é encontrar a fonte, e então, ao chegar lá morrendo de sede, olhamos para a fonte e dizemos: "Eu encontrei a fonte!" e acabamos fazendo um cercadinho ao redor da fonte.

A importância de encontrar a fonte é que é lá que nós vamos beber a água da vida. Assim, Deus decidiu se revelar plenamente em Jesus Cristo para nós, e, através das Escrituras, conseguimos reconhecer Jesus e vê-Lo andando entre nós. Portanto, essa é a importância: se não estudarmos a Bíblia, perdemos a capacidade do sopro do Espírito de reconhecer o que Deus está fazendo e de reconhecer o Mestre. **Marcos Botelho**

Ziel, você mencionou sobre privilégio e responsabilidade. Eu observei, que algumas pessoas assumem determinados cargos de liderança devido a uma necessidade da igreja local. Na sua opinião e na opinião dos demais, seria, às vezes, melhor que a pessoa recusasse esse cargo do que aceitasse sem perceber que esse privilégio vem com uma responsabilidade que talvez ela não consiga suprir? **RB**

Seria de bom tom pensar um pouco antes de assumir tal responsabilidade. É importante lembrar que nosso ministério não deve ser apenas uma resposta às necessidades, pois essas necessidades são sempre maiores do que a nossa capacidade de atendê-las. Vou usar uma imagem: quando começamos a lavar louça, nunca terminamos. A pilha sobe de um lado e sobe do outro. Enfim, as necessidades não são um bom critério para nossa vocação. Nossa vocação é uma resposta a um chamado. Se ficarmos presos apenas nas necessidades, acabamos nos tornando ativistas. Devemos perguntar a nós mesmos para que o Senhor nos está chamando. Nossa resposta deve ser uma obediência. Portanto, é preciso ter esse cuidado.

Além disso, se nossa resposta ao chamado é um ato de obediência, esse chamado não vem da nossa força, mas do encontro da graça com a nossa debilidade. Quando a graça de

Deus encontra nossa debilidade, nasce nosso ministério. Nos fortalecemos na graça, e não no nosso diploma ou na nossa pretensa formação. Essa formação também é uma expressão de obediência e de graça.

“

É importante lembrar que nosso ministério não deve ser uma plataforma para o ego. Não deveria ser. É um espaço de serviço. Quando a graça de Deus nos convoca e nos vocaciona para uma realidade, esse encontro entre a graça e a nossa debilidade gera em nós um ministério, uma resposta de obediência. Parte dessa obediência é o preparo para o ministério. Equipar-se e capacitar-se para ele é importante.

É importante lembrar que nosso ministério não deve ser uma plataforma para o ego. Não deveria ser. É um espaço de serviço. Quando a graça de Deus nos convoca e nos vocaciona para uma realidade, esse encontro entre a graça e a nossa debilidade gera em nós um ministério, uma resposta de obediência. Parte dessa obediência é o preparo para o ministério. Equipar-se e capacitar-se para ele é importante.

Às vezes, cometemos equívocos que atrapalham, mas a igreja não é um show de talentos, nem uma performance. Não ordenamos quem é talentoso, mas quem é chamado para essa história. Portanto, o melhor que podemos fazer para uma pessoa talentosa pode ser dizer: "Espere um pouco. Vamos dar consistência a esse potencial que você tem. Vamos dar maturidade, sustância, carne para isso."

Jesus sabia tudo sobre a Bíblia aos 12 anos, mas não começou seu ministério aos 13. Imagina ser crucificado aos 15. Ele esperou 30 anos, dedicando 90% de sua vida ao preparo para os 10% de ministério. A lógica do reino é diferente da nossa relação de custo-benefício. Quando ouvimos pessoas mais velhas, como Billy Graham e outros, e perguntamos o que fariam diferente, muitas vezes a resposta é: "Eu teria me preparado melhor." ZM

Paulo também é visto por muitos como alguém já preparado teologicamente, pois não temos muitos relatos sobre sua conversão. Parece que ele já tinha uma base sólida de conhecimento antes de descobrir que Jesus era o Messias. Após essa descoberta, ele esperou de 10 a 15 anos antes de iniciar seu ministério. Durante esse tempo, ele se retirou para refletir, amadurecer suas ideias e entender como aplicar o ensinamento de Cristo. Esse período de preparação foi muito importante. MB

Ivone, considerando seu extenso envolvimento com a FLAM, a Faculdade Latinoamericana, onde você esteve à frente por 45 anos, gostaria de saber sobre sua perspectiva a respeito da participação feminina na formação teológica. Como uma mulher que ocupou um cargo de liderança – seja como diretora acadêmica, responsável ou em outra função – você notou alguma dificuldade das mulheres em encontrar seu espaço nessa área? Às vezes, mesmo quando elas chegam até aqui, parece que não sabem para onde ir depois. Na sua experiência, qual é a sua percepção sobre a participação das mulheres na teologia e na formação bíblica, com base na história que você viveu? RB

Primeiro, gostaria de fazer um comentário sobre o que meus amigos disseram. Estou adorando e aprendendo muito com o que eles estão falando. É realmente magnífico. Sobre a questão do preparo, quero dizer que muitos personagens bíblicos também se sentiam despreparados – Moisés, Jeremias, entre outros. Esse sentimento de inadequação é comum e faz parte da nossa experiência humana. Além disso, há algo que foge do nosso controle: o Espírito Santo. É difícil para nós julgarmos quem Ele chama, como Ele capacita e qual será a trajetória de cada um.

Portanto, a minha recomendação é: sempre que surgir uma oportunidade, consulte a Deus e enfrente-a com fé. Deus vai te capacitar e abrir portas para o ministério. Na minha experiência na FLAM, tivemos muitos alunos que, à primeira vista, não pareciam promissores, mas acabaram nos surpreendendo positivamente. A escola era pequena e muito acolhedora, e valorizávamos imensamente nossos alunos. Nem sempre os que ficam mais tempo têm vantagem; muitas vezes, são aqueles que estão no campo, em outros países, fazendo a diferença, que brilham. Não são sempre os mais intelectuais ou os mais apaixonados por livros, mas sim aqueles que mostram o impacto de Deus em suas vidas.

Quanto às mulheres, sim, houve e ainda há desafios. No entanto, estamos vendo cada vez mais abertura para as mulheres. Embora o mundo da teologia seja predominantemente masculino devido à nossa herança judaico-cristã e à história da mulher na humanidade, as mulheres estão ganhando espaço. No campo do ministério prático, há mais oportunidades e as mulheres estão pastoreando e evangelizando. IB

Eu concordo 100% com o que você falou. O universo ainda é bastante masculinizado. No entanto, é incrível como as mulheres geralmente são mais atuantes na igreja. Em vários ministérios, temos mais mulheres atuando. Isso não vai contra o que estamos falando? Elas também não deveriam ter um bom preparo bíblico e teológico? Deveriam, a pergunta prática

é como fazer isso. Porque, ao mesmo tempo em que precisam trabalhar na igreja, elas têm muitas outras tarefas. Às vezes, o peso das responsabilidades domésticas recai mais sobre elas também. É uma situação complicada. Como podemos lidar com isso? RB

Falando de teologia e igreja, estamos falando de poder e hierarquia. No mundo da teologia acadêmica, esse universo ainda é predominantemente masculino, o que pode criar dificuldades. No entanto, o evangelho nivela todos. Ele nos ensina a nos sujeitar uns aos outros. Ninguém é maior que ninguém; não se pode julgar. Não se trata de querer parecer maior, mas de reconhecer que ninguém é superior. O homem não é melhor que a mulher. O evangelho nos nivela e a mulher pode e deve servir, tanto no lar quanto em qualquer outro lugar. As mulheres estão fazendo uma revolução na igreja, no Brasil e no mundo. Que Deus queira que assim continue. Ao lado dos homens, sem competição. Isso é algo que sinto, especialmente na teologia. A produção teológica acadêmica tem um número muito menor de mulheres. IB

Ivone é minha mãe, fico até emocionado ao falar disso. Eu cresci no Jovens da Verdade, um acampamento em Arujá, São Paulo. E eu tinha como vizinho um seminário cheio de seminaristas que faziam bullying, brincavam e tudo mais. O interessante é que a referência que tínhamos da diretora e fundadora dessa instituição, ao longo da minha vida, era uma mulher. Aqui, como é Internacional, temos todas as denominações e respeitamos as diferentes interpretações bíblicas, seja sobre ordenação ou não. Existem muitas linhas históricas e diferentes perspectivas.

Mas é fascinante que, na prática, como discutimos na teologia, o que vivenciamos no dia a dia foi um exemplo positivo. No preparo teológico, minha referência era uma mulher que liderava todos, incluindo os professores. Para mim, isso teve um impacto significativo. Hoje, enxergo essa questão com muito mais clareza. Às vezes, fico triste porque parece que estamos tão atrasados. E não precisamos de ferramentas políticas, se é que você me entende, para buscar esse equilíbrio. O evangelho já nos proporciona isso. MB

CRIANDO PONTES

Uma pergunta que Saulo está fazendo aqui: usando o gancho do Fontana e o período de Paulo no deserto, quando ele estava se desconstruindo e se reconstruindo para o futuro ministério, qual seria a melhor forma de nos desconstruirmos para o preparo teológico, mesmo sendo parciais, ideológicos e políticos, de maneira a criar pontes sem muros sociais neste mundo polarizado? RB

Chatice teológica. É importante perceber o que aconteceu com Paulo nesse período no deserto. A gente não sabe exatamente. Pode ser que ele tenha usado esse tempo para se desconstruir. Talvez ele estivesse evangelizando na Arábia—Paulo das Arábias. Mentira! Talvez ele apenas quisesse conhecer o Monte Sinai e ter um momento espiritual. Mas o ponto é o seguinte: acho que Paulo começa a responder a isso no capítulo 12 da Carta aos Romanos. Ele passa onze capítulos explicando o Evangelho. Aparentemente, para ele, explicar o Evangelho era uma tarefa complexa, especialmente porque aquela comunidade era nova para ele. Então, ele dedica onze capítulos a isso. A consequência de entender bem o Evangelho é a renovação da mente.

A ideia de renovar a mente é que esse processo de reconstrução é constante. Usando a expressão mais uma vez, a renovação da mente deve ser contínua. Tim Keller popularizou bem a ideia de que o Evangelho não é algo básico que aprendemos no início e depois avançamos para outras coisas. Não! O Evangelho é algo que aprendemos e nos aprofundamos todos os dias das nossas vidas para renovar nossa mente e desconstruir o que corrompe nossos pensamentos devido ao pecado e aos nossos próprios desejos. Assim, a ideia de desconstrução e reconstrução precisa ser constante, e isso vem com uma prática antiga. Poxa vida, eu vim para o encontro de líderes para ouvir que preciso orar mais e ler a Bíblia mais? Sim, em certo sentido é isso. Mas há muito mais dentro disso. VF

APROXIMANDO DAS ESCRITURAS

Devemos estar preparados para liderar, mas como nos tornamos e nos mantemos preparados? Compreendemos a questão de que ler a Bíblia é obrigatório, mas como estudá-la de forma eficaz? Como nos preparar? Como saber se o material de estudo é bom? É preciso ler a Bíblia com mais profundidade, realmente entendê-la e crescer em maturidade e liderança.

Outra pergunta: como estudar a Bíblia de maneira eficaz? Como me preparar adequadamente? Para alguém que trabalha oito horas por dia e é voluntário na igreja como líder de jovens e adolescentes aos finais de semana, como encontrar tempo para se preparar melhor? Se tenho o privilégio e quero me preparar mais. Quais seriam dicas práticas para essa pessoa? Gostaria que todos pensassem em uma resposta para essa pergunta. RB

O livro do Botelho, *Mosaico Bíblico*, é muito bom. Eu considero que, para a nossa cultura e para o nosso tempo, em termos de compreensão do texto bíblico para uso no ministério, ele é superior a *Entendes o Que Lês* do Gordon Fee. VF

Ziel, lembro que uma vez você mencionou em um encontro de líderes há alguns anos que você não abordava o texto sobre o qual estava trabalhando. Achei isso interessante. Você acha pertinente trazer isso à tona? MB

É bom a gente habitar no texto antes de ele virar um texto expositivo ou um texto de trabalho, é bom habitarmos nesse texto com certa antecedência e com certa calma. O mais difícil não é ler a Bíblia, gente. O mais difícil é ser lido por ela*: "Não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece o Senhor em todos os teus caminhos."* (Provérbios 3:5-6 ARA)

Quais são as dinâmicas do nosso dia a dia que nos permitem reconhecer o Senhor nos nossos caminhos? Como é que a Escritura nos lê? Se a nossa reflexão da leitura não nos leva para uma vida de oração, não é uma boa leitura, não é uma boa reflexão. Então, precisamos manter o nosso coração suave e convertível, manter o nosso coração atento a ser lido pela Palavra, e dar tempo para que a Palavra encontre os caminhos do nosso coração e abaixe o mato e tire as pedras.

Muitas vezes, fazemos uma leitura muito utilitária da Bíblia. Lemos porque temos que ler 10 versículos por dia, porque queremos usar para algum estudo, porque queremos falar com alguém ou para citar numa rede social. Mas nessa leitura utilitária, ainda que seja boa (porque você está lendo a Bíblia), o grande desafio é ler a Bíblia de tal forma que a Bíblia leia você.

Quando a Bíblia te lê, ela te coloca em pausas, em suspensões, em silêncios profundos, em uma reflexão profunda. Ela vai converter o nosso coração; há, portanto, essa disposição, essa atitude frente ao texto. A Bíblia não é um ratinho de laboratório que controlamos com a nossa ciência teológica. Não é um estudo verificado nesse sentido mecânico da ciência. A Bíblia é a Palavra de Deus. Como nos aproximamos dela? Com que expectativa chegamos até ela? Como abrimos esse texto? Como o nosso coração se dispõe em uma atitude permanente de oração frente à Palavra de Deus? Não é um objeto simples; é a Palavra de Deus. Então, exige uma atitude reverente do coração para ser surpreendido pelo Espírito que salta por meio da Palavra. Essa postura nos preserva no caminho e nos ajuda a saber que a Palavra é a Palavra primeira. ZM

Essa postura nos preserva de nós mesmos no sentido de que, se eu entendi corretamente, nos aproximamos da Bíblia cheios de pressupostos. É meio inevitável; todo mundo aqui se aproxima da Bíblia com a sua história. A questão é: existe algum caminho que consigamos seguir para dinamizar a influência desses pressupostos? Penso que o que você mencionou se encaixa em qualquer denominação, seja batista, presbiteriana, carismática,

pentecostal. Essa postura é importante, mas é uma tentação muito grande. Na verdade, é inevitável que nossa leitura bíblica já seja influenciada pela nossa história.

O teu livro pode nos ajudar nisso, Marcos, no sentido de que conseguimos chegar talvez um pouco mais desarmados perante o texto bíblico? Ou a Bíblia, por si só, suporta essa diversidade e está tudo bem, se é que eu me fiz claro na pergunta. **RB**

Parte da leitura bíblica é permitir que a Bíblia nos torne conscientes dos nossos pressupostos. Ela revela nossa ideologia, o lugar de onde estamos lendo, e nos surpreende. É a Palavra de Deus. Assim, parte da nossa relação com a Escritura é permitir que ela nos revele esses aspectos e diga: "Puxa, essa é a minha forma viciada de ler; essa é a minha forma tradicional de ler." Mas, ao ler o texto relacionando-o com toda a Escritura, nós nos deparamos com uma realidade distinta daquela com a qual estávamos familiarizados. Então, eu diria que essa combinação de oração, silêncio e leitura evita uma série de atropelos. **ZM**

Tem uma coisa que aconteceu no último século, que é a teoria da suspeita—ser suspeito do texto. Como dizia Ziel Machado e outros em Condilícias, "nos ensinaram a suspeitar do texto, mas não nos ensinaram a suspeitar de nós mesmos." Isso é muito bom. Nos ensinaram a desconstruir o texto, mas não nos ensinaram a desconstruir a nossa leitura, que é o que você está mencionando.

No passado, especialmente com o destaque maior dos dogmas na teologia e na igreja, acreditava-se que era possível fazer uma leitura bíblica neutra—ou seja, "aqui está o que diz a Palavra de Deus, aqui está claro, a verdade é essa." Eu mesmo já disse isso muitas vezes: "A verdade é essa." E lemos assim, como se todos pudessem fazer uma leitura objetiva. Com o tempo, percebemos que ninguém lê a Bíblia sem cultura. O jeito como você foi alfabetizado, o tempo em que nasceu, a região do mundo onde você cresceu, sua tradição teológica ou a falta dela—tudo isso influencia.

Por outro lado, o relativismo diz: "Vai do seu jeito, já que você está levando um caminhão para dentro do texto." Mas também não é assim. Não é simplesmente "eu sou assim, eu nasci assim." A questão é: a chave é ter consciência de quem você é para ler o texto. E, paradoxalmente, você só consegue ter consciência de quem você é se lê o texto. Para entender o texto, você precisa ter consciência de quem você é, e isso se chama mover do Espírito. É algo como o que Jesus disse a Nicodemos: *"O vento sopra onde quer. Você o escuta, mas não pode dizer de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todos os nascidos do Espírito."* (João 3:8 NVI). É como erguer a serpente no deserto; não tente explicar tudo. Sabemos que aquilo nos curou. É o escândalo da cruz. **MB**

Para dar uma resposta bem simples à sua pergunta sobre como conhecer as Escrituras, meus colegas e mestres sempre disseram algo muito direto: seja humilde diante das Escrituras. Além disso, peça ajuda ao Espírito Santo, pois Ele é quem nos ilumina, clareia, ensina e ajuda a nos conhecermos a nós mesmos. Como ele falou, se nós não nos conhecemos, como poderemos conhecer a Deus? O Espírito Santo vai nos revelando as nossas limitações e nos mostrando quem é Deus. E isso é um aprendizado para a vida toda.

Não chegamos a um ponto final; alguns talvez tenham chegado, mas a maioria de nós continua sempre aprendendo, sempre buscando conhecimento com irmãos mais experientes ou através de experiências que não tivemos. Estamos sempre em processo de aprendizado e transformação. Esse ensino deve nos transformar e agir como uma luz que levamos e que também transforma o ambiente onde estamos. Não é algo estagnado. Também é importante procurar um mestre ou uma boa escola, busque um mestre que possa te proporcionar um bom aprendizado. IB

Uma coisa interessante que eu acho que a gente poderia discutir é sobre como enxergamos o texto bíblico. Começamos falando sobre como nos enxergamos, mas é importante também falarmos sobre a perspectiva que temos do texto. Quando uma metáfora se torna um dogma, ela pode complicar as coisas um pouco. MB

A BÍBLIA É UM MANUAL DE VIDA?

Por exemplo, eu cresci acreditando que a Bíblia era um manual de vida, e isso pode parecer bonito à primeira vista. Há uma história sobre isso que ilustra bem a ideia. Diz-se que um dia um carro parou no meio da estrada, e outro carro parou para ajudar. O motorista do segundo carro perguntou: “Qual é o problema?” O proprietário do carro que havia parado respondeu: “Comprei este carro agora e ele parou no meio da estrada.” Então, o outro motorista foi até o motor e fez o carro ligar novamente. Surpreso, o proprietário perguntou: “Como você consertou o carro?” E o outro motorista respondeu: “Meu nome é Henry Ford.” Ele era o criador do carro. RB

Tem um grande problema nessa metáfora: a Bíblia não é o manual da nossa vida. O manual tem um formato de escrita que parece ser assim: se eu estou precisando entender sobre casamento, eu vou nos casamentos da Bíblia. Mas, se você for aos casamentos dos patriarcas, você se depara com situações complicadas. Por exemplo, se você quer entender sobre liderança, você vai a Neemias, mas Neemias não está lidando exatamente com liderança em um sentido moderno; ele está reconstruindo muros. Se você busca sobre

plantação de igrejas, vai a Neemias novamente, que está envolvido na construção de um templo, e depois você pode pensar em Moisés.

Assim, é complicado. Você entende que, se a Bíblia fosse um manual, você iria para a área que está precisando de ajuda, mas a área só tem pessoas falhas, iguais a nós. Então, a Bíblia não é um manual. Muitas vezes, vemos como uma pílula para o dia. Você lê três versículos e recarrega suas energias. Lembra daquela caixinha de promessas? Na vigília, você puxava um versículo, como "Onde pisar a sola do seu pé será seu." Todo dia você tirava um versículo para começar bem.

Eu costumava brincar com isso. Em 2008, quando não era moda, tivemos um podcast. Na época, eu dizia para os alunos do seminário: "Se a Bíblia toda é inspirada, então vamos criar a caixinha da maldição, porque os versículos de maldição também são inspirados." Assim, todo dia você puxava um versículo de maldição. Lembro também que, quando tínhamos o podcast, toda vez que recebíamos um e-mail mal-educado, puxávamos um versículo de maldição da nossa caixinha para nossos ouvintes que nos criticavam. Era uma ideia divertida.

O princípio é que às vezes lemos a Bíblia como um manual, outras vezes como um dicionário teológico, o que é um erro. Algumas pessoas a leem como pílulas para inspiração. No entanto, o jeito certo de ler a Bíblia é como Jesus a leu. No caminho para Emaús, Jesus explicou aos discípulos, começando pela Torá e pelos profetas, como toda a Bíblia testemunha sobre Ele, falando da Sua morte e ressurreição. Jesus disse que as Escrituras falam sobre Ele e que, n'Ele, encontramos a vida eterna. Portanto, a Bíblia não é um manual, nem fala sobre você ou sobre mim, mas sobre Jesus. Em Jesus, encontramos nossa verdadeira identidade. É importante entender isso e parar de usar a metáfora do manual, embora seja interessante, mas com ressalvas. **MB**

Acho que seria muito interessante se você quebrasse um aparelho em casa e, ao abrir o manual, encontrasse algo assim: "Livro da Genealogia do Senhor Toshiba". Isso reforça o que o Marcos falou; ficaríamos muito frustrados com um manual assim. Uma parte da nossa frustração com o texto vem da maneira como queremos lê-lo e da forma como o texto se apresenta. Eu só queria amarrar um pouco com o que o Marcos trouxe, o que a Ivone trouxe muito bem e o que o Ziel também mencionou. A questão é que podemos, de boa-fé e com bom coração, ir para o texto como se fosse um manual e acabar frustrando as nossas expectativas.

Pode também acontecer de nos aproximarmos do texto como um degrau para alcançar o que queremos, ou seja, um meio para um fim. A Ivone trouxe algo muito sábio: a

teologia e a academia são meios de poder. Se a minha aproximação do texto bíblico for imaginar que ele me conferirá algum tipo de poder pessoal, em qualquer circunstância, eu nunca conseguirei me permitir ser lido pelo texto. Isso não acontece apenas na academia; pode ocorrer também fora dela.

Na academia, pode-se entrar e se tornar um excelente aluno, porque a academia pode servir você sem escravizá-lo. Então, venha, seja um excelente aluno, faça coisas especiais. Mas fora da academia, também corremos o risco de nos aproximar do texto de maneira utilitarista, buscando obter certos tipos de poder, seja consolidando nossa liderança na igreja, seja impondo um conjunto normativo de regras para satisfazer nosso ego e desejos. Assim, podemos usar a Bíblia para moldar a comunidade à nossa imagem e semelhança, pensando: "Olha só que coisa bonita, agora a comunidade se conformou com o que eu queria." VF

Isso de alguma forma Victor responde a pergunta de como discernir a intencionalidade de nosso preparo e de como o nosso preparo pode se tornar um ídolo? RB

Exatamente isso, e isso está relacionado à maneira como a Bíblia se apresenta, como o Marcos mencionou. O que importa é o nosso coração diante da Bíblia e como somos lidos por ela. A Bíblia se apresenta como o próprio Deus. Para ilustrar isso, imagine o seguinte: se, por algum motivo urgente, você precisa marcar uma reunião com o prefeito de Arujá na segunda-feira, seria extremamente difícil conseguir um espaço na agenda dele, especialmente se não tiver agendado com antecedência. Você teria que ser muito importante para conseguir esse tempo. Agora, a Bíblia é o rei do universo, não o prefeito de Arujá. Ela diz a você: "Pode vir agora, eu estou aqui para um encontro com você, disponível para que você me conheça."

Quando a Bíblia se apresenta dessa forma, com o rei do universo se fazendo menor para que possamos nos encontrar com Ele, eu não posso mais ter uma aproximação ou uma abordagem do texto em que ele seja um instrumento para mim. Não dá. A única conclusão que posso chegar é que aqui começou uma história de diminuição e humildade, da qual me aproximo sabendo que não sou digno. Me aproximo sabendo que, para falar com o prefeito de Arujá, eu preciso ser importante. Agora, diante da dinâmica do universo, quem sou eu? Uma gota no oceano. E ainda assim, o rei do universo disse: "Eu estou aqui para ser conhecido." Daí, o livro da genealogia de Cristo Jesus começa a fazer sentido. Eu quero conhecer esse Deus. Ele está se apresentando, e eu não preciso marcar horário.

Diante disso, começamos a conhecer esse Deus para ficar mais parecidos com o Filho dEle. Então, a dinâmica se inverte, porque o texto bíblico se apresenta a nós, nos lê, e eu não mais quero usá-lo para estabelecer determinadas estruturas de poder ou para deixar as coisas

mais parecidas com aquilo que eu sonhei ou, com o que é ainda pior, comigo. Eu começo a me colocar como um servo de Deus para que o mundo seja mais parecido com aquilo que Ele quer, para que as pessoas com as quais eu tenho contato sejam mais parecidas com Jesus. Muda tudo. Não é mais sobre o Victor, nem sobre o Ziel. Não é mais sobre o meu mestrado ou o doutorado do Ziel. Não é mais sobre o poder da academia ou o poder interno eclesiástico. Não é mais sobre como a caixa de promessas vai servir o meu dia para me motivar, mas sobre como as promessas de Deus fazem com que este mundo, a partir da ressurreição de Cristo Jesus, comece a ser restaurado e as coisas erradas comecem a ser colocadas no lugar, assim como o próprio Pai começou a colocar no lugar o próprio corpo de Jesus no terceiro dia depois de Ele ter sido estraçalhado, assim como o mundo foi quando colocamos a crueldade nele. VF

O CAMINHO DA CRUZ

Fico pensando que, já na primeira fala do Ziel, eu não conseguia parar; não dizia mais nada, ficava aqui pensando, porque peguei um gancho sem querer no sentido de que é muito tentador — falo por mim agora como produtor de conteúdo. Enfim, é muito tentador aproximar o preparo bíblico para o meio, para a promoção, para a satisfação pessoal. É muito tentador, e eu sei que não é uma tentação só minha; pastores, diretores, todos enfrentam isso, porque é o poder. Acho que a única solução é oração e jejum. RB

Deixar a cruz como referência é fundamental, pois é para lá que caminhamos. Todo o poder que recebemos é para servir a Cristo, que está sempre à nossa frente. Não estamos correndo à frente de Cristo, nem ao lado d'Ele. A Bíblia nos ajuda a discernir o passo que Deus está dando na história em Cristo, e devemos segui-lo. Então, como posso ocupar um espaço de maior responsabilidade sabendo que Ele deve crescer e eu diminuir? O exercício dessa autoridade que tenho agora é um exercício de diminuição de mim mesmo para que Ele cresça. Quando vou ao púlpito pregar, a voz que deve ser ouvida é a voz d'Ele, não a minha. Quero que as pessoas comentem sobre a palavra de Deus, não sobre o quão eloquente é o pregador. Eu não devo ser o motivo dos comentários; mas sim a palavra que foi compartilhada, o texto que foi ouvido. Isso é o que deve gerar os comentários.

> Portanto, não podemos desconsiderar que o caminho da obediência é o caminho que nos resta. Uma teologia sem a marca da obediência não serve para nada. Uma teologia teórica, sem cicatrizes, não tem valor. Nosso Senhor tem as cicatrizes nas mãos da obediência. As cicatrizes têm seu lugar na história; foi tocando uma cicatriz que a igreja formulou a oração: "Senhor, meu Deus." Toda essa reflexão deve nutrir nosso caminho de obediência na história.

Portanto, não podemos desconsiderar que o caminho da obediência é o caminho que nos resta. Uma teologia sem a marca da obediência não serve para nada. Uma teologia teórica, sem cicatrizes, não tem valor. Nosso Senhor tem as cicatrizes da obediência nas mãos. As cicatrizes têm seu lugar na história; foi tocando uma cicatriz que a igreja formulou a oração: "Senhor, meu Deus." Toda essa reflexão deve nutrir nosso caminho de obediência na história. Então, a cruz está à frente. João nos lembra que o caminho de Deus, de Cristo ao Pai, é a cruz. Nosso caminho ao Pai é pelo Filho, mas, na experiência da missão e do discipulado cristão, é necessário tomar a cruz todos os dias. ZM

APÊNDICE: FALSOS ENSINOS E FALSOS MESTRES [5]

Rodrigo Bibo

O conceito de falso ensino tem suas raízes na própria narrativa de Gênesis. A serpente, ao questionar a palavra de Deus, introduz um elemento de dúvida e engano. Em Gênesis 3, vemos como a serpente distorceu a verdade divina para promover a desobediência. Essa primeira má teologia estabeleceu um padrão para as distorções que continuariam a surgir ao longo da história. A maneira como a serpente manipula a verdade mostra a origem da corrupção no ensino, um problema que se perpetua até os dias atuais.

A GÊNESE DO FALSO ENSINO

O que Gênesis 3 nos ensina em relação ao falso ensino? O falso ensino nasce justamente do coração e da mente que não estão dispostos a obedecer àquilo que Deus manda. Há a mente opositora, ou seja, a mente que propõe o falso ensino e a mente que acredita, porque há aquele que ensina o falso ensino e aqueles que seguem o falso ensinamento. Isso acontece justamente por conta do nosso coração caído, como herdeiros do pecado do primeiro casal. A humanidade em Gênesis 3 é uma humanidade que escolhe não obedecer a Deus. Gênesis 3 é um reflexo do próprio povo de Israel; lembre-se de que Gênesis 3 foi escrito, em primeiro momento, para o povo de Israel.

O autor de Gênesis quer passar, entre outras coisas, que vocês estão a todo momento escolhendo não obedecer à lei do Senhor. Vocês estão constantemente escolhendo outros deuses e se prostituindo com eles. Inclusive, já no Antigo Testamento, Jeremias e Ezequiel dizem que vocês colocam ídolos no coração de vocês. Ou seja, já no Antigo Testamento, surge a ideia de que o coração do homem produz falsos deuses. Falsos deuses são frutos de falsos ensinamentos. É como se passássemos a acreditar em falsos deuses para que pudéssemos viver falsos ensinamentos.

O ensinamento falso, a deturpação da verdade, não é uma exclusividade do nosso tempo. Não à toa, em toda a Bíblia Sagrada, há uma advertência constante. Para quê? Para

[5] BTCast M 030, episódio exclusivo para mantenedores, publicado em 22 de fevereiro de 2024. Quer se tornar mantenedor? Acesse: https://bibotalk.com/mantenedores/

que o povo atente à Palavra de Deus e a guarde. Eu sempre gosto de cantar Cassiane nesses momentos, quando ela canta o Salmo. Qual é a música? "A Tua Palavra escondi, para eu não pecar contra Ti, Senhor." A Tua Palavra escondi. Ou seja, é isso, cantando o Salmo. E eu guardo essa Palavra, eu medito nela de dia e de noite. Por quê? Porque é meditando nessa Palavra e guardando-a que me preservo dos falsos ensinamentos.

Só que é o seguinte: mesmo com todo esse cuidado, é uma tarefa individual. Cada membro da comunidade precisa ter esse compromisso com a Escritura, mas, ao mesmo tempo, o povo de Deus é um coletivo de humanos. O povo de Deus tem, em seu meio, homens e mulheres que Deus levanta para conduzir o seu povo no caminho do Senhor. Então, o que temos? Temos, no Antigo Testamento, sacerdotes, profetas e até mesmo reis, que tinham a obrigação de conduzir o povo no caminho.

Como exemplo, temos Oséias. Os primeiros seis capítulos de Oséias são uma advertência contra o povo e, principalmente, contra os sacerdotes do povo, que estavam fazendo o quê? Deturpando os ensinamentos de Javé. Deturpando os ensinamentos de Deus e, consequentemente, o povo estava perecendo por falta de conhecimento. *"O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento."* (Oséias 4:6 ARA)

Há, portanto, um erro duplo: o povo não buscava e os sacerdotes ensinavam errado. Então, a culpa nunca é só da liderança. Fazendo uma aplicação rápida para o nosso tempo, quando temos igrejas que ensinam coisas erradas, é importante lembrar que esses mestres do falso ensino serão julgados por Deus, seja aqui ou no porvir. Mas aqueles que andam no falso ensinamento são tão culpados quanto. Por quê? Porque acreditam em todo vento de doutrina. Então, vamos recapitular o que falei até agora.

“

Gênesis 3 nos ensina isso: o ser humano gritando às margens do rio Eufrates, "independência e morte." Gênesis 3 é o grito de independência do ser humano. É o ser humano querendo ser o senhor da sua própria história, determinando o que é certo e o que é errado, decidindo o que é bom, o que é mau. A humanidade quer, agora, discernir essas coisas, não quer que Deus diga o que tem que fazer; quer escolher o seu caminho.

Quero tentar criar um mapa mental na cabeça de vocês. Temos Gênesis 3; a partir de Gênesis 3, a humanidade não quer mais obedecer a Deus, Gênesis 3 nos ensina isso: o ser humano gritando às margens do rio Eufrates, "independência e morte." Gênesis 3 é o grito de independência do ser humano. É o ser humano querendo ser o senhor da sua própria história, determinando o que é certo e o que é errado, decidindo o que é bom, o que é mau. A humanidade quer, agora, discernir essas coisas, não quer que Deus diga o que tem que fazer; quer escolher o seu caminho. E ali temos, em Gênesis 3, a origem do falso ensino, a origem do coração caído, a origem da idolatria.

A partir de Gênesis 3, vemos Deus, a todo momento, levantando homens e mulheres para colocar o povo no caminho, para apontar a direção correta. Isso porque existe um ensino verdadeiro. E temos, então, todo o Antigo Testamento, onde sabemos que a história não acaba muito bem. O Antigo Testamento termina com um gosto amargo: um povo rebelde, que foi para o exílio, voltou e está tentando se recompor.

Mas então temos Jesus. Jesus vem fazer o quê? Ser a finalidade da lei. *"Eu não vim abolir a lei, mas cumprir a lei."* (Mateus 5:17 NVI). Jesus é o fim da lei, a finalidade da lei. Ele traz o seu Espírito Santo e o derrama sobre toda a carne. Ou seja, agora todo o povo de Deus tem acesso a Deus. Todo o povo de Deus pode ter comunhão com Deus, porque possui o Espírito de Deus. E todo esse povo, agora, tem acesso à verdade, ao caminho da verdade.

A ADVERTÊNCIA BÍBLICA CONTRA O FALSO ENSINO

Como funciona a dinâmica da igreja no Novo Testamento? Em Atos 2:42, lemos*: "E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações"* (ARA). Este versículo revela aspectos essenciais da vida da igreja primitiva. A importância dessa perseverança não pode ser subestimada. Os primeiros cristãos não apenas seguiam essas práticas; eles perseveravam nelas com todo o seu ser e pensamento. Eles se dedicavam com fervor à doutrina dos apóstolos — aqueles que andaram e ouviram diretamente de Cristo. O ensino recebido por eles era então transmitido para toda a comunidade. A devoção à doutrina dos apóstolos, à comunhão, ao partir do pão e às orações refletia um compromisso profundo e sincero com a fé que receberam.

É fascinante notar que, dois mil anos depois, continuamos seguindo a mesma tradição: perseverando na doutrina dos apóstolos. Isso nos leva a um ponto importante: devemos ser cautelosos com doutrinas novas. Embora nem toda nova doutrina deva ser imediatamente descartada — algumas conversas teológicas contemporâneas podem ser bastante enriquecedoras — é importante verificar sempre a base bíblica dessas novas ideias.

> Ao longo da história da igreja, falsos ensinamentos sempre surgiram. Mesmo com a influência do Espírito Santo, há aqueles que, ao invés de se submeterem completamente a Deus, tentam impor suas próprias interpretações e doutrinas. Eles buscam influenciar o povo com suas visões pessoais da palavra de Deus, o que destaca a necessidade de vigilância e discernimento contínuos.

Ao longo da história da igreja, falsos ensinamentos sempre surgiram. Mesmo com a influência do Espírito Santo, há aqueles que, ao invés de se submeterem completamente a Deus, tentam impor suas próprias interpretações e doutrinas. Eles

buscam influenciar o povo com suas visões pessoais da palavra de Deus, o que destaca a necessidade de vigilância e discernimento contínuos.

No Novo Testamento, encontramos exemplos claros de falsos ensinos, como os judaizantes. Quem eram os judaizantes? Eles eram um grupo que não aceitava a ideia de que a circuncisão não era mais necessária. Para eles, a circuncisão era uma prática fundamental, e não conseguiam entender como essa exigência poderia ser desconsiderada. Acreditavam que Paulo estava equivocado e, assim, passavam por onde Paulo pregava, contradizendo seus ensinamentos. Isso é evidenciado na carta aos Gálatas e no relato de Atos capítulo 15, que descreve o concílio de Jerusalém — foi um momento importante para resolver disputas teológicas e definir o ensino correto.

É interessante observar que o surgimento de falsos ensinos no meio do povo exigia uma resposta ativa da própria comunidade. Esses enganos deveriam ser confrontados e corrigidos por pregadores, líderes e a congregação em geral. As cartas de Paulo, muitas das quais foram escritas para corrigir erros na igreja, refletem a necessidade constante de discernimento e correção, mesmo apenas 30 anos após a morte de Jesus. Desde o início da igreja primitiva, os falsos ensinos já começavam a ganhar espaço, demonstrando que o problema não é novo. Esses enganos são atraentes porque muitas vezes oferecem um caminho mais fácil, que evita o peso da cruz e a verdadeira transformação exigida pelo Evangelho.

O falso ensino impõe um fardo desnecessário, sugerindo que a cruz é pesada demais e que precisamos carregar um peso que Jesus Cristo já levou por nós. Um exemplo disso são os judaizantes, que insistem que os cristãos devem se circuncidar e seguir dietas alimentares e costumes judaicos que não têm mais sentido para os cristãos. Por isso, é estranho ver pessoas que ainda hoje querem viver como judeus, sendo que a Bíblia não nos pede isso, e ser judeu ou seguir a cultura judaica não nos torna mais santos. Para mim, isso reflete uma falta de estudo das cartas de Paulo aos Gálatas, aos Hebreus e aos Colossenses.

> *"Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu lhes darei descanso. Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve." (Mateus 11:28-30, NVI)*

Existem dois aspectos importantes do falso ensino a serem discutidos. Primeiro, ele nos faz viver conforme nossas próprias vontades. Esse falso ensino customiza a fé, dizendo:

"Eu quero isso, mas não quero aquilo. Isso aqui é legal, isso aqui não." Em outras palavras, permite que escolhamos o que queremos sem alterar significativamente nosso modo de vida. Essa é uma característica marcante do falso ensino.

A segunda característica é o acréscimo de carga e peso. O falso ensino não se contenta apenas com a lei de Cristo; ele exige o cumprimento de uma série de regras adicionais, como dietas específicas e observância de dias sagrados. Esse caminho é o do legalismo, onde se impõe um fardo que não é o de Jesus. Apesar de Jesus ter um fardo para nós, Ele garante em Mateus 11 que o Seu fardo é leve, convidando-nos a aprender com Ele, que é manso e humilde.

LIBERTINAGEM X LEGALISMO

Tomem sobre vocês o meu jugo (Mateus 11:29, NVI). Quando Jesus nos convida a tomar o seu jugo, Ele nos oferece um fardo leve e fácil de carregar. No entanto, o falso ensino tende a sobrecarregar-nos com regras e exigências adicionais. Para ilustrar isso, podemos considerar duas palavras que começam com a letra L. A primeira é a **libertinagem**. Libertinagem é uma distorção do evangelho que nos leva a viver de qualquer maneira, baseando-se apenas na ideia de que a graça é suficiente e que não precisamos mudar. É como se a graça fosse uma licença para viver sem restrições. Esse conceito é exemplificado pela atitude dos Coríntios, que dizia: *"Tudo me é permitido, mas nem tudo me convém"* (1 Coríntios 6:12, NVI). A libertinagem leva a uma fé superficial, onde a vida diária não reflete o impacto da salvação em Cristo.

Por outro lado, o falso ensino também pode se manifestar como **legalismo**, uma tentativa de remediar a libertinagem por meio de uma vida repleta de regras e imposições. O legalismo é caracterizado por uma aderência rígida à letra da lei, com muitas restrições e proibições: *"Não manuseie, não prove, não toque"* (Colossenses 2:21, NVI). Esse é o tipo de ensino que Paulo critica em Romanos 14, onde ele aborda as disputas sobre dietas e dias sagrados, enfatizando que a verdadeira fé em Cristo não se baseia em regras externas, mas na transformação interna que Ele promove.

O legalista é aquele que, diante de todos, parece impecável, inabalável, santo e puro, mas esconde segredos no armário. É um hipócrita, que exige dos outros o que nem ele mesmo segue em privado. A vantagem do libertino, ao menos, é que ele é sincero, mesmo que essa sinceridade o conduza por um caminho errado. A hipocrisia do legalista é, por si só, um caminho incorreto.

Então, como posso me libertar da libertinagem? E como me livrar do legalismo? Aqui entra o terceiro "L" que está no meio: **a liberdade em Jesus**. É a liberdade do Evangelho. A liberdade que o Evangelho oferece me revela que sou um pecador, expõe meus erros e defeitos, mas, ao mesmo tempo, me aponta para a cura.

É a liberdade que Jesus me concede para reconhecer e desfrutar do Seu amor, e ouvir a boa notícia de que Deus está conosco e nos salvou. É a fé que é suficiente, e, sendo amado, amarei. Ou seja, quem vive na liberdade de Jesus Cristo sabe que é escravo de Deus e, portanto, obedecerá à lei de Cristo, que Paulo resume em Gálatas 6:2: *"Levai os fardos pesados uns dos outros e, assim, cumpram a lei de Cristo"* (NVI).

Então, como eu supero a libertinagem? Com a liberdade do Evangelho. E o legalismo? Também é vencido pela liberdade do Evangelho. Como confrontar os falsos ensinos? Vivendo de acordo com os princípios do Evangelho. O Evangelho não só revela quem eu sou, mas também quem Deus é. Ele me mostra que a minha salvação não depende do que eu sou ou do que posso fazer, mas do que Deus fez por mim. Isso é o Evangelho.

Eu vivo baseado na obra que Deus realizou por mim. Quando sigo o Evangelho, não sigo apenas meus próprios desejos; busco viver conforme a vontade de Deus. No entanto, viver segundo a vontade de Deus não é o caminho para a salvação. Isso é crucial na vida cristã: viver de acordo com o Evangelho e obedecer aos mandamentos de Deus. Mas é importante entender que a salvação não vem da obediência aos mandamentos. Se eu acreditar que a salvação é resultado da obediência, estou caindo novamente no legalismo. O legalista acredita que pode alcançar o céu fazendo as coisas certas.

Se eu pensar que vou para o céu por causa de alguma bondade em mim ou por minhas boas ações, estou seguindo um falso ensinamento. Por isso, precisamos estar extremamente atentos. É por isso que comecei esta conversa: para destacar a importância das cartas do Novo Testamento. Elas nos ajudam a corrigir nossos caminhos e as doutrinas funcionam como placas sinalizadoras ao longo da jornada.

A PRESERVAÇÃO DA FÉ CONTRA FALSOS ENSINOS

As cartas do Novo Testamento foram escritas para corrigir desvios e oferecer diretrizes doutrinárias que são fundamentais para a igreja. Essas diretrizes são indispensáveis para a formação da fé. Você acredita em Deus? Mas, o que significa realmente ter fé? Fé é, entre outras coisas, uma crença fundamentada. É um conjunto de credos e ensinamentos sobre Deus. Quando você afirma crer em Deus, deve estar formulando em sua mente quem é esse

Deus. Qual é a base de sua crença? Quais informações você possui sobre Ele? Isso constitui a sua fé.

A Bíblia faz referência a uma "fé fraca", que pode ser entendida como uma fé debilitada. Em Romanos 14:1 (NVI), lemos: *"Aceitem o que é fraco na fé, mas não para discutir sobre opiniões."*

Algumas pessoas possuem fé, mas ela é fraca porque seu conhecimento sobre Deus e Suas ações é superficial. O conjunto doutrinário delas é limitado. Portanto, há aqueles com uma fé mais fraca e outros com uma fé mais robusta. E por que a fé de alguns é mais forte? Não é simplesmente porque confiam mais em Deus, mas porque seu conjunto de crenças sobre Deus está mais solidamente fundamentado na Palavra e na tradição dos apóstolos. Quando ouvimos a palavra "tradição", muitos evangélicos a associam exclusivamente ao catolicismo. Você conhece o Credo Apostólico de cor? Algumas pessoas se lembram dele porque foram católicas no passado.

Quem se lembra do Credo Apostólico porque foi católico? A maioria que se lembra é porque já teve contato com a reza católica. No entanto, isso é uma visão limitada. O Credo Apostólico não é exclusivo da Igreja Católica; ele pertence à Igreja como um todo. O Credo Apostólico é um dos primeiros credos da Igreja, estabelecendo uma base fundamental para a crença cristã. Desde que Jesus Cristo subiu ao céu, a Igreja tem procurado esclarecer e consolidar sua fé. À medida que a Igreja se desenvolvia e os apóstolos iam falecendo, era necessário ter essas bases doutrinárias para garantir a continuidade e a correção da fé.

Afinal, eles não eram imortais e não cantavam Sandy. Então, quando as pessoas iam morrendo, o que acontecia? Eles escreveram os evangelhos e preservavam as cartas. A situação era crítica: estavam crucificando os apóstolos, queimando-os, exilando-os em ilhas e até fervendo-os. A tradição dos apóstolos precisava ser preservada, e isso era feito por meio da escrita.

Por isso, temos quatro evangelhos e várias cartas no Novo Testamento. Aqueles que perseveraram na tradição dos apóstolos compreendiam a importância de conservar o que aprenderam com Jesus, pois isso era essencial para a existência da igreja. Homens e mulheres ouviram e praticaram os ensinamentos dos apóstolos, e havia um esforço consciente para registrar, viver e manter viva essa tradição oral, que ainda era muito influente na época. Contudo, com a expansão da igreja pelo mundo, surgiu a necessidade de sistematizar e disseminar essas doutrinas de forma mais ampla e acessível.

Se já no primeiro século, nos primeiros sessenta anos da igreja, começavam a surgir distorções nos ensinamentos, imagine o que aconteceu após a morte dos apóstolos. Muitas

invenções e doutrinas falsas foram introduzidas. É por isso que a igreja persevera: pessoas continuam a preservar e a lutar pela fé verdadeira. Portanto, a igreja deve cultivar uma fé forte, pois sempre houve e sempre haverá falsos ensinamentos não apenas fora, mas também dentro dela.

Por isso, quando alguém vem e diz: "Você viu o que aquele fulano falou sobre a igreja? Ou o que aquele cantor disse sobre o evangelho?" — eu vejo esse tipo de conteúdo como irrelevante. Recentemente, ouvi que a Anitta comentou algo sobre Deus. Não acho que seja um conteúdo inútil porque a fala da Anitta reflete um entendimento que as pessoas têm de Deus. Ela é uma figura pública com influência, e representa uma parte da cultura brasileira. Mas, sinceramente, pouco me importa o que a Anitta pensa sobre Deus.

Da mesma forma, se alguém comenta o que um ator ou cantor disse, como, por exemplo, uma declaração da Beyoncé sobre Jesus, isso não me afeta. Eu gosto da música *"Halo"* dela e é isso que importa para mim. Não vou deixar de ouvir Beyoncé apenas por causa de uma afirmação dela sobre Jesus. Ela canta *"Halo"*, que eu considero uma excelente música e a trilha sonora perfeita para o filme "Cidade dos Anjos". Lembra dele? Com Nicolas Cage e Meg Ryan? Um clássico.

Portanto, não me preocupo com o que figuras públicas como Anitta, Beyoncé ou até o Papa dizem. O que realmente me preocupa é o que estamos cantando nas igrejas aos domingos e o que os pastores estão dizendo em podcasts. Isso é importante para mim, pois esses são os que compartilham a mesma fé que eu. O que pessoas como a Anitta ou a Ivete Sangalo falam não é a minha principal preocupação.

O que esperar da Ivete Sangalo? Ela não é cristã. Ivete, se você for crente, volte para Jesus. Mas, sinceramente, eu não me importo muito com o que ela diz. Isso é cristianismo cultural. Da mesma forma, fico cansado de ouvir sobre vídeos do Porta dos Fundos e acusações de blasfêmia. Você realmente acha que Deus está preocupado com um especial de Natal do Porta dos Fundos? Não. Deus não está lá pensando: "Olha o grupo de humor. Que coisa horrível!"

O que importa é como estamos vivendo nossa fé. Fico mais preocupado com os influenciadores cristãos que estão ensinando coisas erradas e disseminando teorias da conspiração. Eles estão no nosso meio, ignorando a tradição cristã. Esses são os que realmente me preocupam, não o Porta dos Fundos, a Ivete Sangalo, a Anitta, o Jay-Z ou o Elon Musk.

Estou profundamente preocupado com irmãos e irmãs em Cristo que, embora não questionem sua própria espiritualidade, acabam promovendo falsas doutrinas de maneira

equivocada. Essa situação é alarmante, pois sua influência pode ser prejudicial. Gostaria de compartilhar um trecho da Epístola de Judas. Esta carta, situada no final do Novo Testamento, começa assim*:*

> *"Judas, servo de Jesus Cristo e irmão de Tiago, aos que foram chamados, amados por Deus Pai e guardados por Jesus Cristo: misericórdia, paz e amor lhes sejam multiplicados" (Judas 1:1-2, NVI).*

Essa deve ser uma marca do povo de Deus: misericórdia, paz e amor. Essa é a nossa marca: misericórdia, paz e amor. Mas, como diz o versículo 3:

> *"Amados, embora eu planejasse escrever-lhes com todo empenho sobre a salvação que compartilhamos — ou seja, sobre as coisas boas, as doutrinas dos apóstolos e outras questões importantes da nossa fé —, entendo agora que devo escrever a respeito de outro assunto e insistir que defendam a fé que, de uma vez por todas, foi confiada ao povo santo." (Judas 1:3 NVT)*

Quem é o povo santo? Somos nós. É crucial lembrar que, ao nos referirmos a um povo, o “eu” se transforma em “nós”. A santidade não é uma questão individual, mas coletiva. Portanto, ao invés de pensarmos apenas em termos de “eu”, devemos enxergar o “nós” que compartilhamos. Assim, nós somos esse povo santo.

Por isso, devemos batalhar pela fé que nos foi confiada e lutar juntos pela fé que foi entregue ao povo santo.

> *Pois alguns indivíduos perversos se infiltraram em seu meio sem serem notados, dizendo que a graça de Deus permite levar uma vida imoral. A condenação de tais pessoas foi registrada há muito tempo, pois negaram Jesus Cristo, nosso único Soberano e Senhor. (Judas 1:4 NVT)*

Eles afirmam que a graça de Deus permite uma vida imoral. A condenação dessas pessoas foi registrada há muito tempo, pois negaram Jesus Cristo, nosso único e soberano Salvador.

> *"Mesmo que vocês saibam dessas coisas, desejo lembrá-los de que o Senhor libertou o povo de Israel do Egito, mas depois destruiu aqueles que não permaneceram fiéis. Também lembro dos anjos que não se limitaram à autoridade recebida e deixaram o lugar a que pertenciam. Deus os mantém acorrentados em trevas eternas, aguardando o dia do julgamento. E não se esqueçam de Sodoma e Gomorra e das cidades vizinhas,*

que estavam cheias de imoralidade e perversão sexual de todo tipo, que foram destruídas pelo fogo e servem de advertência do fogo eterno do julgamento." (Judas 1:5-7 NVT)

Da mesma forma, essas pessoas afirmam ter autoridade com base em sonhos. A fonte da autoridade delas é apenas "vozes na minha cabeça" — um sonho que tiveram, uma revelação. Muitas seitas, inclusive, baseiam-se nisso.

A pessoa estava ali para receber uma revelação exclusiva, um conhecimento único. Isso é comum nas figuras apostólicas hoje em dia. Ninguém pode questionar o apóstolo ou a apostila. Eu não sei qual é o feminino de apóstolo. Ninguém pode questionar, isso é uma característica de seita: “não se deve tocar no ungido, essa pessoa recebeu orientação, ela é intocável e inquestionável”. Isso é seita, não tem a ver com o povo de Deus. Pastores, pastoras e líderes eclesiásticos não dominam um conhecimento privado ou oculto. Sonhos e revelações de líderes espirituais têm peso zero diante da tradição da igreja.

A Bíblia nos mostra que os apóstolos perseveravam na doutrina. Judas, em sua epístola, nos exorta: *"Batalhem pela fé que foi entregue aos santos"* (Judas 1:3, NVI). Observe que ele não se refere apenas a líderes com uma iluminação especial, mas a todos os santos. Paulo orienta Timóteo a selecionar homens capazes de ensinar a doutrina que ele mesmo transmite, especialmente em Éfeso, onde havia problemas com a presença de mulheres. No entanto, sabemos que, em outras igrejas e contextos, como na comunidade de Filipos, as mulheres também desempenhavam papéis significativos na guarda e transmissão da doutrina. Paulo, ao escrever aos filipenses, menciona Evódia e Síntique, pedindo que resolvam suas diferenças, pois são colaboradoras no evangelho (Filipenses 4:2-3, NVI). Isso demonstra que as mulheres também são guardiãs da doutrina.

A VERDADEIRA DOUTRINA E A MATURIDADE ESPIRITUAL

Não se deve buscar um conhecimento oculto acessível apenas por meio de ofertas ao apóstolo, vigílias especiais ou caminhos secretos para descobrir coisas não reveladas. Isso é heresia e mentira, algo que pode ter aparência de Deus, mas não é de Deus, pois Deus age às claras. Ele tem uma doutrina que foi transmitida e guardada ao longo dos séculos. Então, como se guardar dos falsos ensinos? A primeira etapa é estar em contato com a palavra de Deus. A segunda etapa é pertencer a uma denominação.

Vocês fazem parte da união das igrejas de Cristo. O que a sua igreja acredita? Qual é a soteriologia da sua igreja? Como ela entende a salvação? Como o batismo é realizado? Qual é a compreensão da ceia? O que as igrejas de Cristo acreditam? Aprendam isso primeiro. Não

adianta vir estudar comigo com 30% de desconto no plano anual, ou assistir vídeos de Nicodemos, Yago, ou qualquer outro, se você não conhece a base doutrinária da sua igreja. Pare de ouvir meu podcast ou de outros, se não sabe o que sua igreja acredita. Conheça a base doutrinária da sua igreja antes de se render a outras doutrinas.

Pode parecer radical, mas estou cansado de ver pessoas com boa doutrina na igreja se rendendo a outras doutrinas só porque foram influenciadas por pastores famosos. Conheça a base doutrinária da sua igreja e, se precisar, tenha misericórdia e amor. Às vezes, você pode perceber que a doutrina da sua igreja tem aspectos questionáveis. Toda doutrina tem suas falhas e não é a verdade absoluta.

Tenha maturidade. Não abandone sua igreja simplesmente porque você agora é amilenista e sua igreja é pré-milenista histórica. Se você é calvinista e seu irmão é arminiano, não seja intolerante! Há intolerância em ambas as perspectivas. Mantenha o amor, a paz e a misericórdia, mas também batalhe pela sua fé. Conheça a fé da sua denominação. A igreja não é um caos onde cada um faz o que quer. Estamos na era do Espírito, e o Espírito ensina as igrejas.

Descubra os ensinamentos que o Espírito Santo revelou ao povo de Deus. Embora haja aspectos comuns a todos os cristãos, cada igreja também possui suas particularidades. Em meio a ensinamentos bons e outros nem tanto, é essencial ouvir a voz profética e amorosa. Evite os falsos ensinos e busque a sabedoria dos ensinamentos verdadeiros da sua igreja. Conheça suas crenças e credos, e aprofunde-se na teologia da sua comunidade. Se sua igreja oferece seminários ou escolas de teologia para leigos, aproveite essa oportunidade. Mesmo que você não pretenda se aprofundar em teologia, uma base sólida é fundamental. Como Michael Goheen observa, "A igreja é a comunidade de Deus, a qual vive em obediência ao chamado de Deus para ser luz para as nações e um sinal do reino de Deus." Que Deus nos ajude a manter a fé firme, pois falsos ensinos sempre estarão presentes até a volta de Jesus, que separará o joio do trigo (Mateus 13:30). Que Deus tenha misericórdia de nós e nos guie na verdade.